

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

iniciativa

Especial resgata a trajetória do jornal paranaense que marcou uma geração de leitores e, após quase 20 anos de sua extinção, volta a circular em edição fac-similar

A efemeridade inerente ao jornal impresso nunca acompanhou o *Nicolau*. Criado em um período pré-internet, na segunda metade dos anos 1980, o suplemento representou um marco no jornalismo cultural brasileiro, comparando-se a iniciativas igualmente lendárias como o tabloide carioca *O Pasquim* e a revista curitibana *Joaquim*.

Mas a audiência conquistada pelo jornal — e sua permanência histórica — não se deve apenas às dificuldades de informação da época, mas principalmente à qualidade do que era publicado no periódico. Editado por Wilson Bueno em 55 de suas 60 edições, *Nicolau* aliava com precisão um rico conteúdo jornalístico, trazendo matérias instigantes assinadas por alguns dos principais jornalistas do Estado, à publicação de inéditos de grandes nomes da literatura local e nacional das décadas de 1980 e 1990.

Algumas das figuras mais talentosas da poesia e da prosa do Paraná deixaram marcados seus nomes na publicação. Assim como autores importantes de outras cenas, como Milton Hatoum, Manoel de Barros, José Paulo Paes, Rubem Braga, João Antônio, entre muitos outros.

É essa trajetória que o **Cândido** relembra nesta edição. Repórteres, ilustradores e colaboradores da equipe que participou do jornal falam sobre a experiência literária e cultural que foi o *Nicolau*. O poeta Rodrigo Garcia Lopes relembra o período em que trabalhou na publicação e do convívio com Wilson Bueno e outros colegas. As edições mais instigantes são lembradas em uma galeria que esmiúça os principais conteúdos do jornal.

Quase 20 anos após a extinção do *Nicolau*, os leitores que só conhecem o mito em torno da publicação ou mesmo àqueles que nunca ouviram falar do jornal, poderão ter acesso a essa experiência que marcou época e que voltará em edição fac-similar, em iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura.

Com este especial, os leitores do **Cândido** terão uma prévia daquilo que, em breve, estará novamente ao alcance de todos. Boa leitura.

CARTUM Jean Errado



-Veja pelo lado bom, você é popular!

BIBLIOTECA AFETIVA

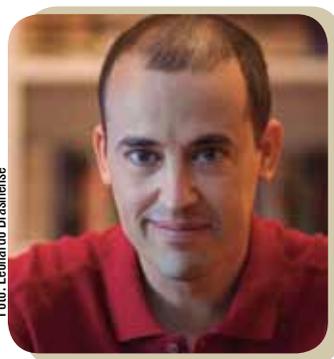


Foto: Leonardo Brasileiro

Certa feita estava com meu pai em Tramandaí, no litoral gaúcho. Eu tinha 14 anos. Entramos em uma tabacaria. Enquanto ele comprava cigarros, escolhi um livro. Era um livrinho de bolso, em papel-jornal, de ficção científica. Meu pai fez careta e apontou outro volume, tão barato quanto. Era o livro de contos *Histórias dos mares do sul*, de William S. Maugham. Esse cara é bom, ele me disse. Segui seu conselho e a força daquelas histórias consolidaram meu desejo de ser escritor. Aliás, me acompanham até hoje.

Luís Dill é escritor e jornalista. Com mais de 40 livros publicados, entre os quais *Tocata e fuga* (2007) e *O estalo* (2010), possui algumas premiações e gosta de participar de eventos literários. Nasceu e mora em Porto Alegre (RS).



Divulgação

Um livro marcante, na minha opinião, é aquele que tem o poder de apresentar a literatura não como uma distração, um lazer, mas como uma forma de vida. Um dos livros que tiveram para mim esse poder foi *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, misto de ensaio filosófico, panorama social e político, mas também análise sentimental do amor. Com uma galeria de personagens inesquecíveis, Tomás, Teresa, Sabina, o livro tem ainda o fino poder de se tornar parte do que somos.

Pedro Gonzaga é escritor e poeta. Autor de *A última temporada* (2011), de poemas, e das antologias de contos *Cidade fechada* (2004) e *Dois andares* (2007). Também traduziu várias obras do escritor norte-americano, de origem alemã, Charles Bukowski. Gonzaga vive em Porto Alegre (RS).

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Melissa R. Pitta e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Alexandre Gaioto, Ben-Hur Demeneck, César Marchesini, Deivid Almeida, Fabiano Vianna, Fellipe Canalli, Guilherme Pupo, Jean Errado, Lina Faria, Rodrigo Garcia Lopes e Sérgio Medeiros.

Redação:

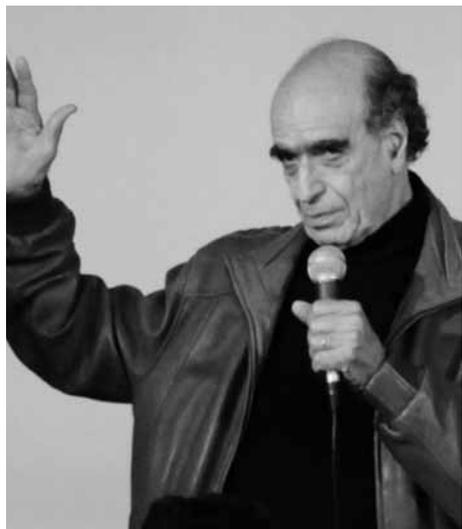
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Affonso Romano de Sant'Anna no projeto "Um Escritor na Biblioteca"



O projeto Um Escritor na Biblioteca segue em curso. A segunda edição de 2014 tem como convidado o poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna. Formado em letras neolatinas pela UFMG e doutor em literatura brasileira pela mesma universidade, lecionou em importantes instituições brasileiras e do exterior, entre as quais UFMG, PUCRJ, UFRJ, UFF e as universidades da Califórnia (UCLA), Koln e Aix-en-Provence. Publica poesia desde a década de 1960 e teve participação ativa nos movimentos que transformaram o gênero no Brasil, interagindo com os grupos da vanguarda. Jornalista, professor, escritor e poeta, escreveu mais de 40 livros, entre outros, *Canto e palavra* (1965), *Que país é este?* (1980), *Paródia, paráfrase & cia* (1985), *O canibalismo amoroso* (1984), *O lado esquerdo do meu peito* (1995). O encontro acontece no dia 7 de maio, às 19h, no auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da Biblioteca Pública do Paraná.

Poesia na Oficina de Criação Literária

O poeta Rodrigo Garcia Lopes ministra em maio, entre os dias 13 e 15, a primeira Oficina BPP de Criação Literária em 2014. O objetivo da oficina é introduzir o aluno à criação poética, incentivar o gosto pela leitura e estimular as percepções poéticas com a finalidade de despertar o gosto pela poesia, não só como forma de arte, mas como maneira de ver o mundo, em suas mais variadas formas e manifestações. A oficina tem 20 vagas. Os interessados devem enviar um poema de autoria própria para oficina@bpp.pr.gov.br. Garcia Lopes fará a seleção dos alunos. A inscrição é gratuita.

Sérgio Y. vai à América é relançado pela Cia. das Letras



Alexandre Vidal Porto, vencedor da primeira edição do Prêmio Paraná de Literatura, em 2012, na categoria romance, teve seu livro *Sérgio Y. vai à América* relançado pela Cia. das Letras no mês de maio. O romance, que investiga com delicadeza e inteligência as fronteiras da sexualidade humana na contemporaneidade, foi primeiramente editado pelo selo Biblioteca Paraná.



Glauco em exposição no Teatro Guaíra

Segue em cartaz até dezembro a exposição *Glauco — homem de teatro, homem de poesia*, no miniauditório Glauco Flores de Sá Brito (R. Amintas de Barros, s/nº). Glauco, que dá nome à exposição e é também o homenageado do auditório, foi um agitador cultural, poeta, dramaturgo e escritor gaúcho, da cidade de Montenegro, que viveu e construiu carreira em Curitiba. Entre os seus interlocutores, figuravam perso-

nalidades da cena cultural, como Dalton Trevisan, Alceu Stange Monteiro, Aristeu Berger e Carlos Drummond de Andrade. Ele trabalhou na redação do jornal *O Dia*, dirigiu 11 telenovelas e 182 teleplays, além de ter escrito três livros de poemas: *O marinheiro* (1947), *Cancioneiro do amigo* (1960) e *Azulso* (1985). A exposição pode ser conferida de segunda à sexta-feira, das 8h30 às 18h. A entrada é franca.

Koproski e as quatro estações



O poeta e tradutor curitibano Fernando Koproski acaba de publicar dois novos livros: *Retrato do artista quando primavera* e *Retrato do amor quando verão, outono e inverno*, ambos pela editora carioca 7Letras. As obras completam a trilogia Um poeta deve morrer, que teve início com o livro *Nunca seremos tão felizes quanto agora* (2009). Os textos dialogam com as estações e revelam o imaginário do autor durante as mudanças do ano. Nos poemas de Koproski, estações do ano são marcados por ritmos e gêneros musicais: na primavera, predominam blues, flamenco, rock; no inverno, os versos tem tons tristes, de nuvens, de morte, mais frios; o outono é enebriado pela melancolia de um blues. Como tradutor, Koproski organizou as antologias poéticas de Charles Bukowski e de Leonard Cohen. Letrista, tem canções musicadas por Beijo AA Força, Alexandre França e Carlos Machado.

Livro sobre mangá na Gibiteca

Ana Carolina Pereira autografa no dia 15 de maio, Gibiteca de Curitiba (R. Presidente Carlos Cavalcanti, 533, Solar do Barão), às 19h, *Além dos olhos grandes*, obra que resultou de uma pesquisa sobre o estilo, história e características do mangá no Brasil. O projeto foi viabilizado pela Fundação Cultural de Curitiba e pelo Banco do Brasil por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. *Além dos olhos grandes* explica que o mangá e as histórias em quadrinhos vão muito além dos grandes olhos e dos cabelos coloridos dos personagens atuais. O livro conta com ilustrações de Maxwell Alves, Cristiano Procópio e Kátia Villagra.





Mário Prata



O escritor Mário Prata abriu em grande estilo a temporada 2014 do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Autor consagrado de romances recheados humor e um dos cronistas mais brilhantes do país, Prata falou sobre como alguns de seus principais livros foram feitos, suas leituras essenciais no período de formação e a linhagem de escritores de sua família. “Minha mãe era prima do Campos de Carvalho, autor de *O púcaro búlgaro*, um escritor fantástico, com uma obra enxuta, porém altamente original. O Campos então abastecia nossa biblioteca com muitos livros”, disse o escritor, que citou Nelson Rodrigues, Rubem Braga e Fernando Sabino como autores essenciais em sua formação. “Minha mãe, inclusive, era amiga da Helena, primeira mulher do Sabino.” Um dos autores mais lidos no país, nos anos 1990 Prata emplacou diversos livros nas listas de mais vendidos, como *O diário de um magro* (1997) e *Minhas mulheres e meus homens* (1999). Colaborador de alguns dos principais jornais e revistas do país, Prata acha que a crítica literária, hoje, está praticamente extinta nos meios impressos. “Não existe mais a profissão de crítico no Brasil. Os jornais mandam livros para qualquer um fazer crítica, pros jovens repórteres, pode ser de qualquer livro, desde a autora do *Harry Potter*, que aliás eu gosto, até um cara da alta literatura.” “Nunca se leu tanto no país, e tão mal”, disse o escritor ao se referir à onda de livros de fantasia e de vampiros que há anos tomou conta das livrarias do país. Atualmente, Prata tem investido em romances policiais. Não só na escrita, mas também na leitura do gênero. “Estou levando a sério esse negócio de literatura policial. Estudo há 8 anos. Você vai achar que eu estou exagerando, mas li uns 800 livros policiais nesses anos. Cem por ano, mais ou menos”, disse o autor de *Sete de paus* (2008) e *Os viúvos* (2010) — ambos protagonizados pelo detetive Ugo Fioravanti Neto, inspirado nos moradores e na ilha de Florianópolis, local de residência de Mário Prata há mais de 10 anos.

CAMPOS DE CARVALHO

Sempre digo que tive muita sorte na vida. Qualquer profissão que a gente resolva fazer, tem que ter três coisas: talento, trabalho e sorte. E sempre tive mais sorte do que talento e trabalho. Por exemplo: nasci numa casa em que minha mãe lia muito. Ela era prima de um dos maiores escritores do Brasil, que influenciou gerações. Ele não é muito popular porque é muito louco. O cara se chama Campos de Carvalho. Ele mandava os livros pra minha mãe e ela escondia, dizia que era muito forte. Daí, eu ia atrás e lia. Ficava deslumbrando com o Campos de Carvalho. Pra quem nunca o leu, a editora José Olympio publicou, há uns 10 anos, a obra reunida dele. Fiz até a orelha dos livros. São quatro livros. Pelos títulos, você já consegue entender um pouco quem é a figura: *O púcaro búlgaro*, *A lua vem da Ásia*, *Vaca de nariz sutil* e *A chuva imóvel*.

AMIZADE COM SABINO

Minha mãe também tinha uma amizade muito profunda com Helena, filha do governador Benedito Valadares. As duas foram internas no Colégio Sion. E essa menina começou a namorar o Fernando Sabino, em Belo Horizonte. Inclusive, o Sabino foi a Uberaba quando minha mãe debutou. Ele e a Helena. O Sabino também mandava livros pra minha mãe. Além dos livros que ela comprava, tinha essa influência do Fernando. Depois fiquei amigo dele, foi muito legal. Inclusive, a gente organizou um encontro das formandas do Colégio Sion, de Belo Horizonte, com a minha mãe e a ex-mulher dele, a Helena. Foi uma festa. Mas nós não fomos, foram só as meninas.

AS REVISTAS

A grande sorte que tive, é que quando eu era garoto peguei o auge de duas revistas muito populares da época: a *Manchete* e *O Cruzeiro*. Também peguei o

apogeu do jornal que mais vendia no Brasil, o *Última Hora*. E essas coisas chegavam na minha cidadezinha, lá em Lins. E nesses três veículos vinham toda semana textos de Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta. Cresci lendo esses caras.

BIBLIOTECAS

A biblioteca, confesso, comecei a frequentar com uns 13 ou 14 anos. Porque a bibliotecária era linda. Mais que linda, era gostosa. Eu estava começando a despertar sexualmente e aquela menina era uma loucura. Eu ia pra lá, abria o livro, mas ficava tentando ver uns pedacinhos das pernas dela. As saias vinham até aqui, não batiam nem no joelho, mas imaginava, né? Então comecei a frequentar a biblioteca. Gosto tanto de biblioteca que doei a minha. Saí de São Paulo pra Florianópolis e doei tudo antes da mudança. O que eu não li, não vou ler mais. Chamei meus amigos e meus filhos e falei: “Olha, vocês podem tirar o que quiserem daí, que o resto eu vou doar”. Os livros que tinha com dedicatória, evidentemente, guardei. Livros de amigos meus, do Fernando Sabino, por exemplo.

TEATRO

Minha trajetória de escritor é totalmente absurda. Porque eu comecei pelo mais difícil — o teatro — e acabei na crônica. Iniciei sem ter nenhum conhecimento do que era o teatro. Já que estamos relembando o golpe, depois do AI-5, em dezembro de 1968, os teatros começaram a ser atacados fisicamente. Depois dos espetáculos, entravam grupos com porretes e batiam nos atores. Aí, então, surgiu a figura da segurança de peças teatrais, que na verdade eram estudantes. Eu participava dessa segurança e era uma coisa muito absurda, porque eu era muito magrinho, muito fraquinho. A gente ia com uma barra de

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ferro enfiada na calça e sentava na frente. Quando terminava o espetáculo a gente pulava no palco e ficava segurando aquela barra. Não sei o que aconteceria se alguém resolvesse entrar ali, se eu sairia correndo. Era muito estranho. Mas com isso fui conhecendo o teatro, via as peças várias vezes. Fui conhecendo atores, diretores, por ser segurança de teatro. E escrevi uma peça de teatro. Eu tinha 23 anos quando resolvi escrever uma peça. Escrevi e deu certo. Se tivesse dado errado, não estaria aqui agora.

CORDÃO UMBILICAL

A peça se chamava *Cordão umbilical*. Foi um sucesso. Primeiro em São Paulo e depois no Rio. Então achei que eu era um gênio. E dava grana aquele negócio. Estava cursando o último ano de economia na USP e tava há oito anos no Banco do Brasil, que naquela época era um empregão. Era chamado de partidão pelas moças. “Pô, o cara trabalha no Banco do Brasil”. Teria uma aposentadoria, etc. Lembro até hoje meu cargo, auxiliar de escrita, referência 050 — era o número do meu cargo.

LARGANDO O EMPREGO

De uma vez só larguei o banco e a faculdade. Foi um gesto tão absurdo, tão louco, que o meu pai nem ousou conversar comigo. Ele tinha — ainda tem — um irmão padre. Então, ligou pro padre ir até São Paulo pra conversar comigo porque achou que eu estava louco, possuído pelo demônio. O padre foi. Mas primeiro o padre assistiu à peça. E gostou. Só fez ressalvas em relação a algumas coisas.

FRACASSO

Tive grandes fracassos na minha vida. O fracasso no Brasil tem uma vantagem: ele não faz o menor sucesso. Tem lugar que se você tem fracasso, você tá perdido pro resto da carreira. Aqui não. Ninguém te apresenta os teus fracassos. Como todo artista, como toda pessoa, tenho altos e baixos.

NOVELA

Depois, com 28 anos eu fui pra Rede Globo. Fui fazer uma novela. Quem tiver mais de 40 deve se lembrar. Chamava-se *Estúpido Cupido*. Sei que vocês vão se lembrar, eram bem jovens. Eu também era bem jovem. Aquilo foi uma loucura, naquela época a Rede Globo dava 75 pontos de audiência. Era uma coisa assim de eu não poder sair na rua. Até minha mãe pirou, pois virou mãe do autor da novela das sete. Tipo mãe de miss. Nas viagens de carro para Lins, via uns caras no posto e falava: “Ó, ele que faz *Estúpido Cupido*”. Eu morria de vergonha, porque é horrível isso de ser meio famoso. Porque se entra o Chico Buarque no posto, o cara sabe que é o Chico Buarque. Agora, o meio famoso é horrível. É o caso do escritor, por exemplo.

LITERATURA EM BAIXA

O Brasil está lendo muito mal. Nunca se leu tanto no país, e tão mal. Há pouco tempo pesquisei muito a *Veja*, porque lá tem aquela lista dos 10 livros mais vendidos. Não que eu goste da *Veja*, muito pelo contrário. Mas aquela lista lá é confiável, até certo ponto. E nos anos 1990, por exemplo, só tínhamos nós, brasileiros. Era difícil encontrar um estrangeiro ali no meio. Estou falando de ficção. E hoje não entra um brasileiro ali nem a pau. Fernandinha Torres [autora do romance *Fim*, publicado no final de 2013] entrou e já está sendo expulsa: ficou oito semanas. Nós ficávamos 40 semanas. Devo isso a uma coisa maravilhosa que aconteceu no Brasil, que é essa nova classe média que está fazendo tudo que ela não podia fazer: por falta de dinheiro, de oportunidade. Essa classe média está fazendo tudo que ela não podia fazer, está indo ao teatro, está lendo. Enfim, está vivendo mais de acordo com a vida normal, saudável culturalmente. Tem mais gente com grana aí. E essas pessoas vão muito pela mídia, pelo que é badalado. Então,

“Adoro receber e-mails de gente dizendo que passou vergonha no ônibus lendo meus livros porque ficava dando gargalhadas. Pra mim, isso é um prêmio.”

no Brasil, no mundo todo, mas no Brasil — essa classe média é meio que uma coisa internacional, não é só nossa — virou moda, tem umas ondas de modismo. Teve uma onda de modismo do Oriente Médio, com o garoto que soltava pipa. Aí tudo que era publicado no Oriente Médio vinha para cá. E veio muita porcaria, e o povo todo lendo essa literatura. De cada 10 livros, um era bom.

VENDAS

Sempre foi difícil viver de vender livros. E olha que eu vendo bem, mas é muito difícil. Não vivo só disso, não dá. O Antônio [Prata], por exemplo, meu filho — tem até uma mocinha lá trás, parece que ela veio achando que eu era ele. Sou o pai dele. O Antônio, no último livro dele, *Nu, de botas*, vendeu nos primeiros meses 15 mil exemplares. O que nos anos 1990 era o suficiente para entrar naquela lista dos 10 mais vendidos. Não entrou, mas continua vendendo legal. Mas se não entrou é porque tem livro que está vendendo mais que isso. São essas subliteraturas. Então é isso: estão lendo muito, mas estão lendo mal.





OS ANJOS DE BADARÓ

Foi uma experiência e tanto escrever um livro na internet, ao vivo. Eu digitava e na tua tela, onde você estivesse, Venezuela ou Curitiba, você via como se um fosse uma tela de Word, eu escrevendo ou apagando. E tinha uma câmera me mostrando. Essa câmera era a pior parte, porque às vezes a luz caía e as pessoas começavam a reclamar: “Tá ruim a imagem!”, diziam. Aí comecei a comprar refletor. Eu só não passava batom. Era um horror. Eu deixava a barba por dois dias e os caras já reclamavam. Tinham 15 mil pessoas por dia vendo. Eu tinha que fumar escondido: esticava o pescoço e dava uma tragada lá longe.

SUCESO DO BADARÓ

Aconteceu uma série de coisas desagradáveis. É uma experiência que eu não faria de novo. Foi um sucesso, para o [portal] Terra principalmente. Eles queriam fazer outra e aí eu pedi uma grana que era pra eu não fazer, porque essas 15 mil pessoas que ficavam ali, me davam muito trabalho. Havia uma página de palpites. Mas isso só durou nos três primeiros dias. Depois elas ficaram amigos e criaram o fórum deles. Eu fiquei sabendo que eles se encontravam e ficavam falando de mim. Aí fiquei curioso. Entrei lá e comecei a ler. Fiquei quieto no começo, mas depois pensei: “Vou bater um papo com esse pessoal aí”. “Oi, pessoal, aqui é o Prata”. Nada, me ignoraram e seguiram falando. “Gente, aqui é o autor dos *Os anjos de Badaró*, tô aqui há uns vinte minutos vendo vocês falando de mim e queria participar.” Aí um deles respondeu: “Você é o quinto Mário Prata que entra aqui”.

OS ANJOS DO PRATA

Depois, as pessoas que acompanharam o livro pelo Terra fizeram o Encontro Nacional dos Anjos de Prata (Enap). Vinha gente do Brasil inteiro.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fiquei com medo e não fui. Foi num sítio em São Paulo. Trezentas e tantas pessoas. No segundo encontro, resolvi ir. Foi um horror, porque eram todas pessoas que eram fãs mesmo. Então todos queriam que eu autografasse, me puxavam pra tirar foto. Foi muito desgastante.

CÉREBRO ELETRÔNICO

O escritor é um pouco investigador e um pouco psicólogo também. Estou fazendo psicanálise depois de velho. Cismeí que estava começando um Alzheimer e fui conversar com um psicanalista antes de procurar um neurologista. E tem sido muito bom, pois descobri, de repente, que todo mundo está esquecendo, e não sou somente eu. Meus filhos estão esquecendo, todo mundo está. Com isso, cheguei a uma conclusão sozinho: que temos uma parte do cérebro que deixamos de usar, onde guardávamos os números de telefone, por exemplo. Eu sabia uns duzentos telefones de cor, agora só tem um buraco vazio onde esses números ficavam. E vivemos com vários buracos. Se você está escrevendo um texto e quer saber o ano em que D. Pedro I nasceu, basta ir lá no Google e ver que foi em 1798, mas você não guarda mais isso porque sabe que está lá. Então, o Google está substituindo o cérebro da gente muito rapidamente. Meu psicanalista e eu, conversando, estamos com medo de onde vamos parar com isso, com que será ocupado esse espaço do cérebro. Não estamos mais exercitando nossos neurônios.

INVESTIGAÇÃO DA ALMA

O escritor é um investigador policial e da alma. Você, ao criar um personagem, está criando uma pessoa. E esse personagem só vai fazer sucesso, você só vai acreditar nele, se ele existir, se ele tiver corpo e alma. O Fioravanti, por exemplo, que é o detetive das minhas histórias, sei como ele é, e quando converso com alguém que leu meus livros,

consigo perceber que escrevi exatamente como gostaria, como imaginava, como qualquer personagem da literatura. A literatura policial começou com a dedução, da psicanálise, do inconsciente, com Edgar Allan Poe, por exemplo. Conan Doyle criou Sherlock Holmes, que era médico, uma atividade muito próxima da literatura. O bom é quando o personagem te domina e começa a crescer. Tem uma hora que meu personagem, por exemplo, fala um frase da qual eu morri de vergonha. Então, fiz um asterisco e escrevi lá embaixo que aquilo não tinha nada a ver comigo. É uma frase que eu jamais diria, uma coisa machista, horrorosa, mas acabei indo na dele, fui dar liberdade e o personagem abusou, mas a frase era tão boa no contexto que preferi deixar claro que não era minha ideia, mas ainda assim a mantive.

“O Brasil está lendo muito mal. Nunca se leu tanto no país, e tão mal.”

VISITA DO TEMPO

Percebi um detalhe importante: os principais personagens de romance policial não envelheciam. O autor escreve durante sessenta anos e o personagem sempre permanece com a mesma idade. Dos anos 1960 para cá, resolveram humanizar as histórias e criar uma vida particular para o personagem, que passou a ter uma casa, relacionamentos, filhos, etc. Isso tem um lado muito bom, pois o leitor acredita muito mais na pessoa como ser humano, mas também tem um lado horrível. Apesar de eu ter envelhecido meu personagem cinco anos, criei um filho para ele, o Valentin, que na época tinha cinco anos. E quando fui

escrever o outro, o filho já tinha que estar com dez anos, e eu já não sabia o que fazer com ele. Me criou um grande problema essa criança. Acabei mandando ele estudar em Roma e o moleque passou um ano longe. Mas agora, no terceiro livro, achei que ele, com quinze anos, ficaria muito velho. Então, vou manter o Fioravanti com sessenta e o Valentin vai sumir, até algum jornalista perguntar para mim onde ele foi parar. Vou dizer que ele foi atropelado. Morreu. Eu não quis contar isso, até pro leitor não ficar triste. Mas, pra mim, morreu. Virou um problema, eu não sabia o que fazer. Pensei em falar que ele ia começar a fumar maconha, mas ia ser muito óbvio isso. O pai é detetive, e maconheiro também. Aí pensei no filho fumando, roubando maconha do pai. Péssimo exemplo. O meu filho fazia isso comigo: maconha, cerveja e papel higiênico. A gente morava na frente do outro, no mesmo andar. Sumia tudo.

AUTORES POLICIAIS

Estou levando a sério esse negócio de literatura policial. Estudo há 8 anos. Você vai achar que eu estou exagerando, mas li uns 800 livros policiais nesses anos. Cem por ano, mais ou menos. Apesar de que uns 150 eram livros do Geoge Simenon, aqueles livros fininhos, que dá pra ler dois num dia se você tiver a disciplina de leitor que eu tenho. Eu li quatro horas por dia como trabalho. Comecei a ler literatura policial com os clássicos e fui descobrindo gente que eu nunca imaginei. Então, descobri literatura nórdica há uns três anos: Suécia, Noruega e Dinamarca. Não só livros, mas também as séries de televisão deles, os filmes policiais. A melhor literatura policial que se faz no mundo hoje é a nórdica. Acabei descobrindo a origem da literatura nórdica, que não era americana, que não era Edgar Allan Poe, não era George Simenon, era uma coisa muito deles, muito fria. Não era literatura *noir*, é *blanche*. Isso eu

estou inventando agora: literatura *blanche*. É branco em francês. Fui até a origem da literatura nórdica. Quando cheguei lá, percebi que estava levando isso a sério. Agora tenho até feito palestras sobre literatura policial.

LITERATURA DE ENTRETENIMENTO

A minha literatura, principalmente a parte de teatro, foi toda policial. Eu fui preso, por conta da minha literatura. Pra mim, isso basta. Eu acho que cada vez mais o meu trabalho, hoje, é entretenimento. A literatura começou, no mundo, muito séria, muito culta, porque todo mundo era analfabeto. Quem lia era classe AAA, só o clero lia. Então, eles escreviam para eles, livros grossos. Mas isso foi abrindo, a pirâmide foi abrindo os seus catetos. Acho que tem que manter um certo nível pra literatura não chegar lá em baixo, mas quanto mais público eu tenho, pra mim é melhor. Se eu fosse fazer literatura policial sobre política, ia ter que pesquisar muito, ia ofender muita gente sem ter certeza daquilo. Depois, estamos numa democracia, finalmente.

IMPRENSA

Apesar da imprensa brasileira estar muito ruim, tudo hoje sai nos jornais, não precisa vir o escritor falar. Nos anos 1970 e 1980, tínhamos que, através da música e do teatro, contar para as pessoas que havia gente sendo torturada — e ninguém acreditava. Meus pais não acreditavam que existia tortura. Hoje, estava lendo uma *Is-toÉ* no voo e tinha uma entrevista com um torturador, com a cara dele em uma foto, contando que torturava, adorava o serviço que fazia. Eu não preciso escrever um romance policial falando do torturador, porque as revistas tem muito mais leitores que eu. Eu prefiro divertir, a minha literatura policial tem muito humor. O Andrea Camilleri, escritor italiano que aprecio, também é muito divertido. Ele já foi do Partido Comunista na Itália. E agora está numa de só divertir os leitores.



Claro que lá no meio, você dá umas pontadas, ninguém muda essa maneira de ver o que é humano, o que é desumano.

NOVO LIVRO

Neste livro que escrevo agora, acontecem quatro histórias paralelas e uma delas se refere a um assassinato encomendado por um candidato a governador de Santa Catarina, porque a história, a história real, de como o crime foi planejado, me interessou e eu comecei a imaginar que a ordem poderia ter partido do governador, que era candidato. E isso entrou no livro, não porque eu tenho interesse na política. Eu quero que a pessoa leia, se distraia. Adoro receber *e-mails* de gente dizendo que passou vergonha no ônibus lendo meus livros porque ficava dando gargalhadas. Pra mim, isso é um prêmio: as pessoas rirem do que escrevo, porque escrevo a sério. Em *Os anjos de Badaró*, por exemplo, as pessoas não conseguiam entender como eu escrevia tudo aquilo de maneira séria. Porque não mexo um músculo enquanto escrevo. Não acho as coisas engraçadas no momento da criação. Quando leio, muito tempo depois, 10 ou 15 anos mais tarde, vejo de outra maneira.

CHICO BUARQUE

Acho que o Chico Buarque demorou para acertar. Achei o primeiro livro dele, *Estorvo*, muito chato. O *Benjamim* é um livro que dá pra ler sem doer. Já com o *Budapeste* morri de rir. O mais recente, *Leite derramado*, achei incrível. Infelizmente, como eu falei agora da imprensa, não tem crítico de literatura no Brasil. Não existe mais a profissão de crítico no Brasil. Os jornais mandam livros para qualquer um fazer crítica, pros jovens repórteres, pode ser de qualquer livro, desde a autora do *Harry Potter*, que aliás eu gosto, até um cara da alta literatura. Mas sobre o último livro do Chico, os jornais disseram que era um apanhado da história dos últimos 100 anos no Brasil. Saiu muita besteira na imprensa.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Quando eu li — modéstia à parte, somos muito amigos —, escrevi para ele dizendo que só tem louco na imprensa e que, para mim, aquele livro era sobre a mãe dele contando histórias no seu ouvido. Ele respondeu dizendo que, realmente, a imprensa estava muito mal-humorada. Pra quem não leu, o livro fala sobre um velho de cem anos que conta para a enfermeira no hospital a sua vida. Só que esse velho tem dois problemas: ele mente pra burro e está com Alzheimer. Então, ele conta a mesma história várias vezes. É muito engraçado. Porque você percebe que ele está contando a mesma história, mas ele vai aumentando o conto. É muito interessante, muito engraçado. Acho que com os dois últimos livros, o Chico passou a ser um romancista. Com o *Estorvo* eu não diria isso.

MODO DE TRABALHO

Estou escrevendo um livro que terá 22 entrevistas com brasileiros ilustres, desde o Rui Barbosa até a Maria I, a louca. São entrevistas que estou publicando na revista *Brasileiros*, de São Paulo. É escrito assim: dependendo do personagem eu fico um mês pesquisando, outros apenas uma semana ou dois dias. Em novela, televisão, por mais que você saiba onde quer chegar, às vezes muda cem por cento de rumo, e não é só pela influência do público, é de nós mesmos, autores. Os primeiros dez capítulos, escrevo sem saber quem fará cada personagem, após isso, ao saber que será o ator que vai interpretar, já passo a escrever diferente, já consigo ouvir a voz do ator quando escrevo. Mais para frente, passo a assistir alguns episódios, coisa que faz mudar novamente, e quando estreia, tem a repercussão do público. ■



O jornalista Luiz Andrioli e o escritor Mário Prata no primeiro encontro do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2014.

ALGO EM VOCÊ

há algo em você
que não cabe na chuva
que devora todas as vísceras
que não respeita os besouros
que rói calafrios
que não se encanta com a erudição
dos caramujos

há algo em você
que não derrete na grama
que mama bilirrubina
que não flutua na árvore
que ensurdece o fígado
que multiplica os linfócitos típicos

há algo em você
que não gosta do Dylan
que não perdoa Modigliani
que nunca leu Baudelaire
que não canta com as cotias
que não se espanta com o ligeiro
rasante da corruíra

há algo em você
que repete os mesmos verbos
que precisa de adjetivos
que força a rima no poema
que sempre soa excessivo
que ignora as conjunções
adversativas

há algo em você
que eu quero muito odiar
que eu nunca consigo odiar

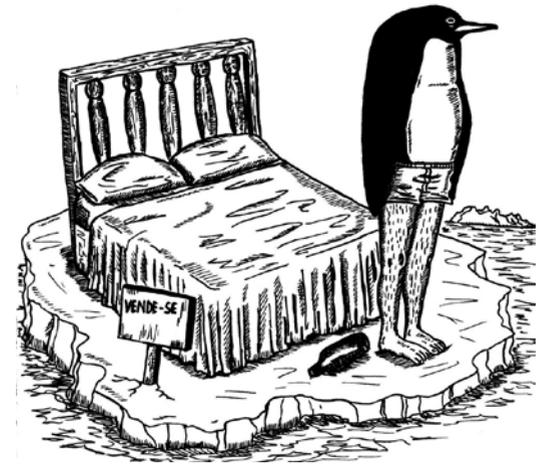


UM DIA

um dia quando ficarmos velhinhos
e você reclamar da coluna
como enxergar nessas letras
minúsculas esse amor todo?
vou finalmente preparar o seu café
com menos açúcar
mas
enquanto isso
são três colheres regadas a
mascavo
jamais adoçante

QUEM DIRIA?

ainda ouço comovido
suas orelhas tão tímidas
no lençol daquela manhã de um
hotel em Curitiba
quando você disse pela primeira vez
algumas horas antes
boa noite amor
depois de tantas vozes abafadas
e uma e outra garrafa de vinho
quem diria?
mesmo agora na casa
(que está à venda)
e nem está tão fria como
naquela manhã de Curitiba
suas orelhas
discretamente
ainda me comovem
feito um pinguim-das-galápagos
catatônico diante das geleiras



A roda-viva literária

O fato de um autor ser consagrado em vida não garante que sua obra continue sendo lida e estudada ao longo dos anos, da mesma maneira que uma recepção tímida pode, surpreendentemente, se transformar em glória póstuma

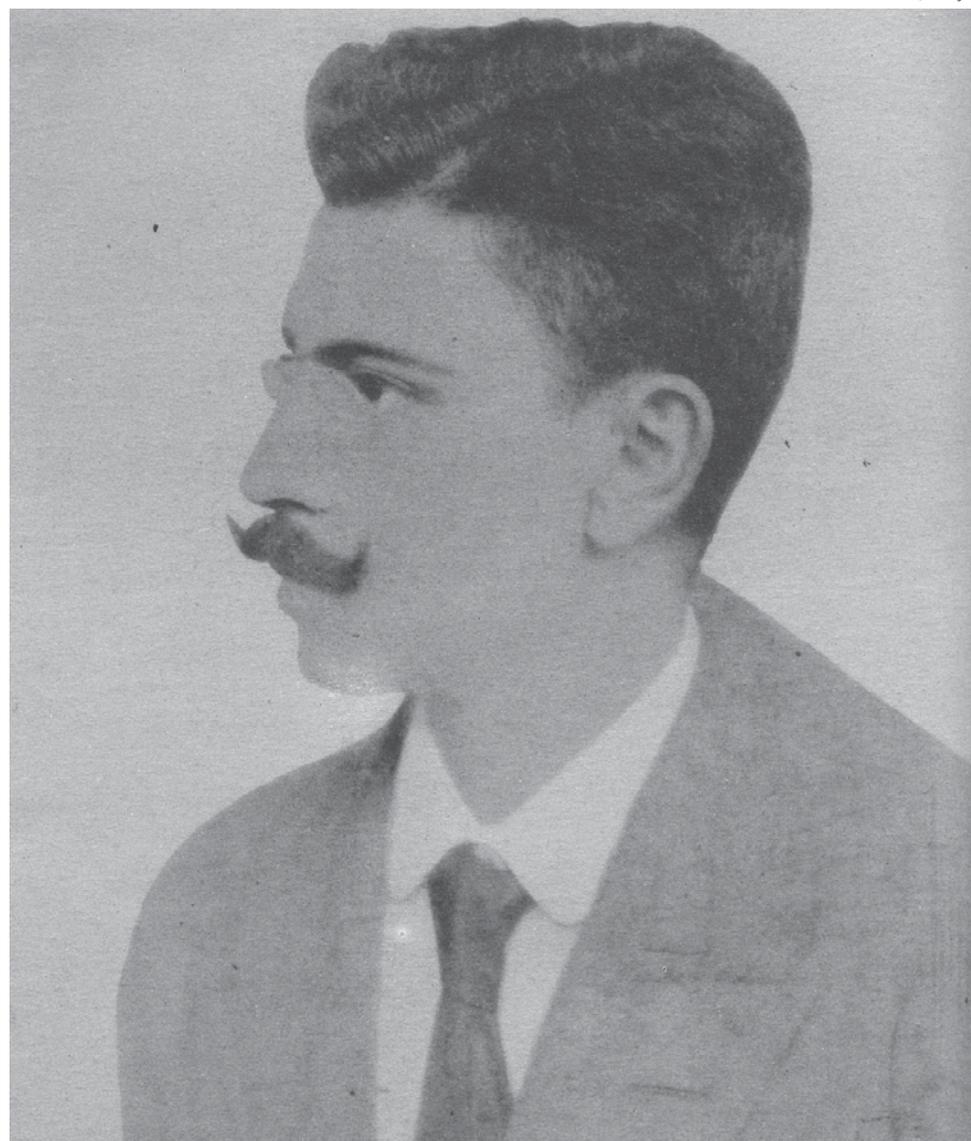
MARCIO RENATO DOS SANTOS

Coelho Neto (1864-1934) foi um homem célebre, principalmente no mundo das letras. Escreveu, e publicou, dezenas de livros, de variados gêneros, incluindo romance, conto, peça de teatro e crônica. O jornal *O Malho* o designou Príncipe dos Prosadores Brasileiros. Participou da fundação e integrou a Academia Brasileira de Letras (ABL). Em vida, era — sem exagero — festejado e a sua obra tinha leitura.

Os cadernos de cultura dos jornais brasileiros faz tempo que não citam o nome do escritor. O que aconteceu com a recepção e a reputação do autor, entre outros, dos romances *A capital federal* (1893), *Miragem* (1895), *Inverno em flor* (1897), *O morto* (1898), *O rajá do Pendjab* (1898), *Tormenta* (1901), *Turbilhão* (1906) e *Rei negro* (1914)?

A professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Liane Mroginiski Zaneco afirma que Coelho Neto pode estar esquecido pelo público, talvez pelos jornalistas culturais, mas não por pesquisadores — que continuam em contato com a obra do escritor. “Muitas vezes, determinado autor é sucesso de público e de crítica em sua época e depois a sua obra fica datada, perde o encanto para outra geração de leitores. Coelho Neto figurou entre os grandes escritores de seu tempo [fim do século XIX e começo do século XX], mas alguns teóricos pensam que foram as críticas dos modernistas à sua obra que influenciaram um segmento da crítica literária, o que teria originado uma reação negativa também de público”, comenta Liane.

Reprodução



Autor de dezenas de livros, celebridade em vida, Coelho Neto está esquecido. “Dificilmente ele voltará a cair no gosto do público, pois parece não ter muito a dizer aos leitores contemporâneos”, afirma Benedito Antunes, professor da Unesp.

Leia um trecho do primeiro capítulo de um romance de Coelho Neto.

“O castelo de Créve-coeur, rija e arrogante alcáçova, toda de pedra, em blocos de tal grandeza que os diziam sotopostos por demônios, desafiava do cimo de áspero rochedo, talhado a pique sobre o mar, a fúria belacíssima dos barões normandos e a braveza das hordas que, por vezes, descendo do Norte em desabridas cavalgadas, irrompiam nas póvoas talando os campos, rausando mulheres e incendiando lares.”

De fato, a exemplo do que diz a professora da PUCRS, a geração modernista atacou, com fúria, e tentou desconstruir Coelho Neto. “O Oswald de Andrade dizia, em tom de brincadeira, que ele escrevia tão rápido, quase na mesma velocidade que um coelho se reproduz [pelo fato de o escritor publicar até mais de 1 livro por ano]”, comenta o professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Pedro Marques. Já a professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amarante acredita que não foram, necessariamente, e apenas, os modernistas os responsáveis pela atual falta de interesse pela literatura de Coelho Neto. “Os modernistas também condenaram Monteiro Lobato e ele se mantém firme até hoje”, argumenta Dirce.

O professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Benedito Antunes analisa que a perda de interesse da crítica pela obra de Coelho Neto pode ter relação com o fato de o autor ter produzido uma literatura exageradamente conectada a nuances do tempo em que ele viveu. “Coelho Neto foi um profícuo escritor que atendia ao gosto de uma sociedade arcaica. Sua obra, especialmente a regionalista, primava pela superficialidade e a ornamentação. Mas provavelmente seu teor descritivo, de intenção documental do ponto de vista temático e ornamental quanto à construção, tem contribuído para a rejeição por parte da crítica”, avalia Antunes. O estudo da Unesp também tem uma tese para o desinteresse dos leitores para a obra do autor dos livros de contos *Rapsódias* (1891), *Baladilhas* (1894), *Álbum de Caliban* (1897), *Vida mundana* (1909), *Banzo* (1913) e *Contos da vida e da morte* (1927). “Quanto ao grande público, que em geral se move pelo aspecto temático, com o processo de modernização do país, passou a ter interesses de outra natureza para satisfazer a sua necessidade de fantasia”, completa Antunes.

Liane Mroginiski Zanesco, das PUCRS, explica que a prosa de Coelho Neto é bastante trabalhada, com léxico muito amplo [leia um trecho do romance *Imortalidade* na página 12], o que, na opinião dela, destoa da prosa modernista e, de certo modo, dificulta a leitura pelo público acostumado com a prosa contemporânea. “Não creio que ele tenha perdido a relevância, tanto que há vários pesquisadores trabalhando no resgate de suas obras, mas não creio que o público atual tenha interesse em ler esse autor, até mesmo por desconhecê-lo”, diz Liane.

ESQUECIMENTO NACIONAL

O caso de Coelho Neto faz ver que o reconhecimento em vida pode não representar, necessariamente, a presença do legado de um autor no imaginário cultural durante a passagem do tempo. O crítico e ensaísta André Seffrin afirma que, além de Coelho Neto, parte considerável da literatura brasileira está esquecida. Para comprovar o que diz, Seffrin cita José Geraldo Vieira, Octavio de Faria, Dalcídio Jurandir, Cornélio Pena, Adonias Filho, Josué Guimarães e Autran Dourado — todos, na opinião de Seffrin, romancista injustamente esquecidos. “Que dizer



Coelho Neto foi um dos mais conhecidos autores do fim do século XIX e começo do século XX. E hoje? “Muitas vezes, determinado autor é sucesso de público e de crítica em sua época e depois sua obra fica datada, perde o encanto para outra geração de leitores”, diz Liane Mroginiski Zanesco, professora da PUCRS.

REPORTAGEM

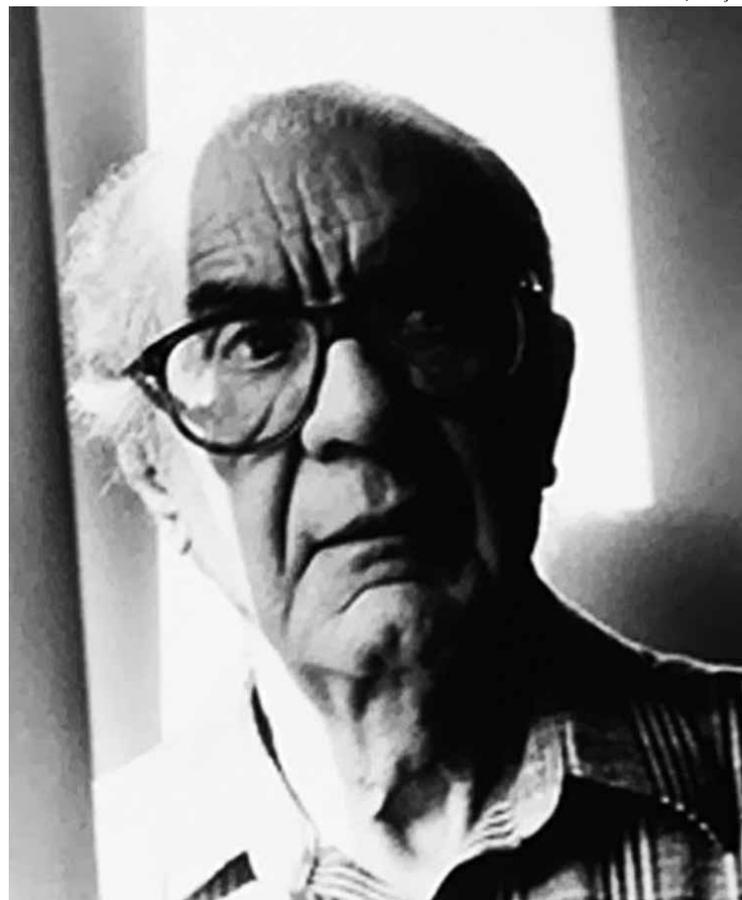
dos memorialistas Gilberto Amado e Antonio Carlos Villaça? E nossa poesia do século XIX? Os românticos Carlos Ferreira e Narcisa Amália só são conhecidos por especialistas”, questiona o ensaísta.

O crítico literário Rodrigo Gurgel lembra de Júlia Lopes de Almeida, contemporânea do Coelho Neto. “É um problema semelhante: famosa na sua época, tem obra diversificada, vasta, também esquecida, que merece releitura atenta”, afirma Gurgel, que escreve no jornal *Rascunho* e na *Folha de S.Paulo*. A lista de autores esquecidos contempla Olavo Bilac e, no entendimento do professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) André de Sena, inclui Teófilo Dias e Humberto de Campos, entre tantos outros. “Há ainda uma miríade de poetas simbolistas e da chamada poesia científica de fins do século XIX que constitui hoje ‘arqueologia literária’ para especialistas, mas bem vivos em suas épocas”, diz Sena.

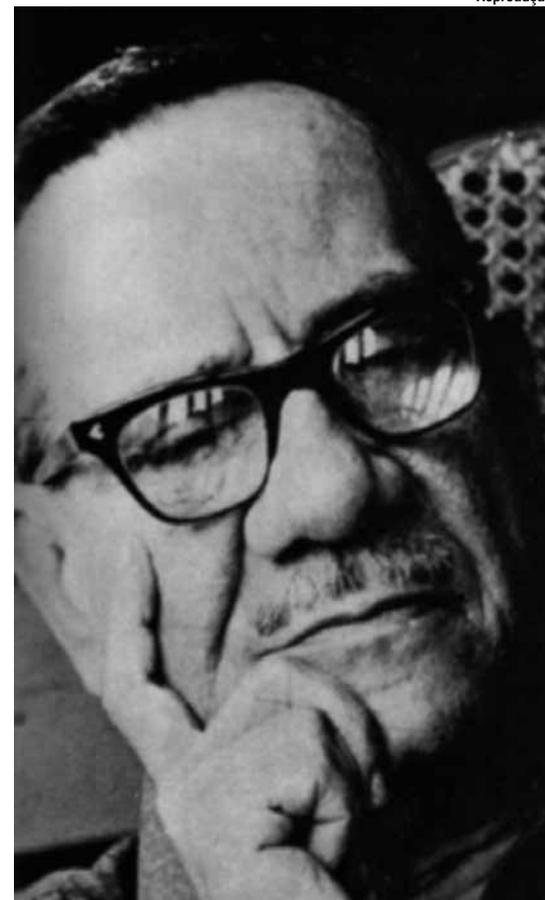
Benedito Antunes, da Unesp, analisa que a permanência, ou não, de uma obra ou autor no cenário literário depende da confluência de vários fatores, nem sempre perceptíveis. “A qualidade estética é, sem dúvida, um dos principais fatores, mas ela não garante que a obra será lida e preservada do esquecimento”, diz Antunes. Ele lembra que os estudos acadêmicos, por si só, não mantêm uma obra em circulação. “Lúcio Cardoso e Cornélio Pena estão sendo até bastante estudados, mas é difícil encontrar edições recentes de suas obras, assim como é difícil encontrar leitores apaixonados por elas no chamado grande público”, afirma o professor da Unesp.

REDESCOBERTAS E DESCOBERTAS

E o caso contrário ao de Coelho Neto? O de autores que não tiveram muita repercussão em vida e, posteriormente, passaram a ter a obra lida, estudada e discutida? O professor Pedro



Reprodução



Reprodução

Campos de Carvalho e Marques Rebelo têm as suas obras reeditadas, disponíveis em livrarias, mas, de acordo com os especialistas, faltam leitores para os livros deles.

Marques, da UNIFESP, cita Cruz e Souza e Augusto dos Anjos. André de Sena, da UFPE, lembra do poeta maranhense Sousândrade, cuja importância foi redescoberta na segunda metade do século passado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. “Desde então, Sousândrade passou a figurar no cânone literário nacional, apesar de ainda haver muito a se explorar em relação à sua obra”, diz Sena.

A obra, por exemplo, de Campos de Carvalho ainda não é conhecida em âmbito nacional. “No Brasil, não se tem muita familiaridade com a literatura nonsense, ou absurda, praticada por ele”, opina Dirce Waltrick do Amarante, da UFSC. A editora da José Olympio, Maria Amélia Mello, lembra que foi um desafio publicar, na década de 1990, os quatro romances de Carvalho, *A lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de nariz su-*

til (1961), *A chuva imóvel* (1963) e *O púcaro búlgaro* (1964) — que saíram em um mesmo volume e, em seguida, foram publicados individualmente.

“Algumas adaptações da obra de Campos de Carvalho para o teatro ajudaram na divulgação. Mas é sempre difícil trabalhar um clássico”, afirma Maria Amélia. O catálogo da José Olympio, desde 2002 no Grupo Record, é formado por obras de Rachel de Queiróz, Antonio Callado, José Cândido de Carvalho, Raul Bopp e Marques Rebelo, entre outros renomados autores. “Do ponto de vista editorial, levando em conta um mercado repleto de lançamentos, tenho que fazer desses clássicos uma novidade. O que, convenhamos, não é nada fácil. Trabalho com ‘madeira de lei’, o que nem sempre está na mídia, mas é conteúdo fundamental para a cultura brasileira”, conta a editora.

Marques Rebelo (1907-1973), reconhecido em vida, e reeditado pela José Olympio, segue com poucos leitores atualmente. “A obra está disponível nas livrarias, mas o nome [do autor] definha num invólucro de silêncio”, lamenta Rodrigo Gurgel. Dirce Waltrick do Amarante completa o raciocínio do crítico: “Às vezes o que falta é uma releitura da obra, um olhar diferente sobre ela, para que a obra [no caso, de Marques Rebelo] ganhe novamente interesse. É necessário atualizar as leituras.”

Benedito Antunes, da Unesp, observa que Marques Rebelo ainda é um autor de prestígio e afirma que o escritor só não tem mais visibilidade por ter sido ofuscado pela projeção alcançada por alguns de seus contemporâneos, entre os quais Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. “De qualquer forma, Marques Rebelo

tem estilo original e vem merecendo novos estudos, o que lhe garante a permanência no cenário cultural brasileiro. Já a sua presença nos cadernos de cultura reflete outros aspectos do mercado editorial. Esses suplementos, aliás, cada vez mais raros, têm-se tornado espaço publicitário ou reflexo do sucesso de mercado”, argumenta Antunes que, diante do empobrecimento da imprensa cultural, aponta para uma alternativa: “Nesse contexto, é mais vantajoso para a permanência do autor que ele continue a ser lido nas escolas, em grande parte o único espaço responsável pela formação de novos leitores literários.”

Liane Mroginiski Zanesco, das PUCRS, ressalta que uma obra literária é, de fato, lida diferentemente ao longo

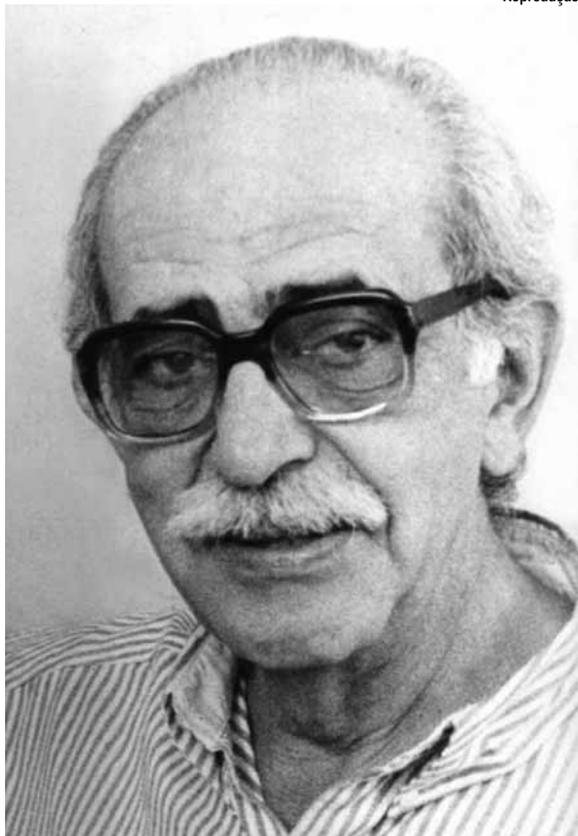
do tempo. “Nós, leitores, muitas vezes, relemos um livro e encontramos ‘outro’, aquele romance lido na adolescência perde ou ganha encanto”, afirma Liane. Ela ainda diz que a nossa história, a nossa concepção de sociedade, de identidade e de nação têm de levar em conta as obras de inúmeros autores esquecidos — e até dos desconhecidos, “que merecem atenção.”

O escritor Carlos Eduardo de Magalhães, editor da Grua Livros, tem a convicção de que, hoje, o marketing e a comunicação determinam tudo o que se lê — isso no Brasil e no mundo, de clássicos a lançamentos. “Muitas vezes um escritor é citado como bom sem que o sujeito que cita o tenha lido — faltam algumas fontes primárias. Não acredito que seja muito aleatório o sucesso

comercial de uma obra. Precisa de investimento, basta ver as campanhas que autores já conhecidos têm em seus lançamentos”, garante Magalhães. No entanto, ele não deixa de lembrar que existe, sim, mistério e acredita que, na falta de outra palavra, o fator sorte pode fazer a diferença: “Às vezes calha do livro acontecer por si, mais raro devido ao enorme número de lançamentos bons e à consolidação de grandes grupos editoriais, que vão abocanhando os espaços nas livrarias e nos jornais.”

Pegando carona no discurso de Magalhães, o professor da UNIFESP Pedro Marques arremata: “O ingresso e a saída do cânone é diferente para cada escritor.” E isso vale para Coelho Neto, Marques Rebelo, Campos de Carvalho, Olavo Bilac, Cornélio Pena etc. ■

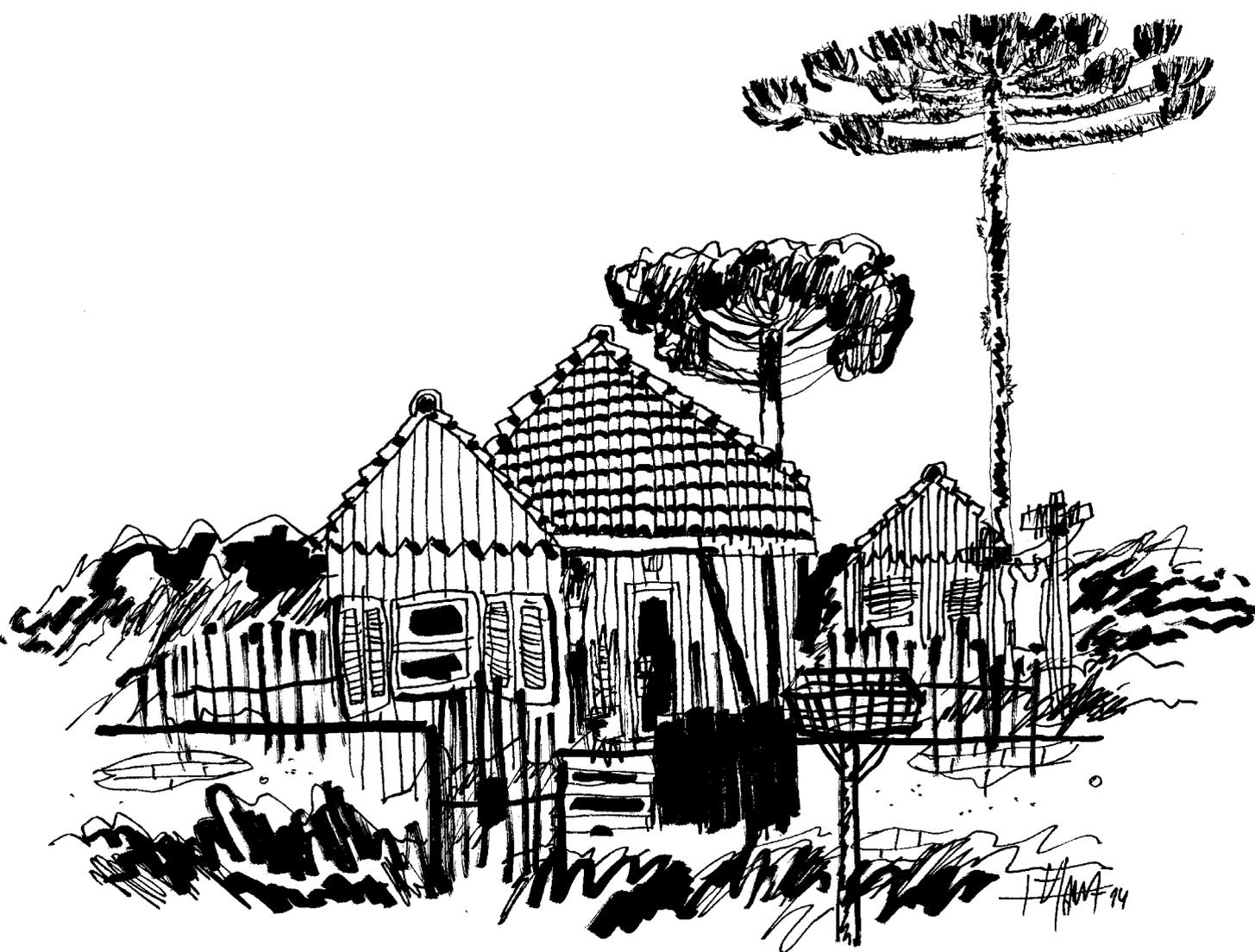
Reprodução



Reprodução



O MISTÉRIO DOS DOIS JAPONÊSES



De manhã cedo o céu de Curitiba se nublou. Creio que caíram algumas gotas. Pelo menos na minha camisa branca. Eu caminhava no meu jardimzinho. Ia e vinha com a cuia de mate na mão.

Tenho um antigo pinheiro em casa. Desses que parecem esticar ao máximo todos os galhos altos. Depositei a cuia na mesinha ao lado da térmica e comecei a me exercitar sob o pinheiro. Estiquei os meus braços tanto quanto pude. Faço exercícios sob o pinheiro toda manhã.

Então alguém me chamou da calçada. Era uma moça que morava no meu bairro.

— Posso falar com o senhor? — ela perguntou.

— Entre — eu respondi abrindo o portão. — Entre.

Ela agradeceu. Ficamos conversando na varanda. Ela contou que tinha pressa.

— O meu assunto é árvore — ela disse olhando para o meu pinheiro.

Olhei também para o meu pinheiro. É a minha árvore favorita.

— Não vendo — eu disse brincando. — Nem doo.

— Falo de outra árvore — ela explicou. — Uma bem pequena.

— Um bonsai! — eu exclamei fingindo desprezo. — O seu dá frutas?

— Nunca deu porque é jovem — respondeu a mocinha olhando para o relógio. — Uma jabuticabeira.

Notei que ela carregava uma mochila nas costas.

— A senhorita vai viajar?

— Pois é — ela respondeu um tanto contrariada. — O meu novo

emprego me obriga a ir a Londrina frequentemente.

— Mas isso é ótimo! — exclamei para animá-la.

— Mas essas viagens vão matar o meu bonsai.

— A senhorita o deixa fechado em casa?

— Há uma semana eu o deixei na casa de um japonês que é mais ou menos meu vizinho — ela confessou mordendo os lábios. — Pedi que ele o molhasse todos os dias.

— Nem precisava pedir — eu comentei. — Um japonês sabe como tratar dele.

— Foi o que eu pensei... — ela respondeu desconsolada.

— Não me diga que o japonês não molhou o seu bonsai todos os dias! — eu exclamei fingindo grande assombro. — Mas isso é impossível!

— Não é bem assim — ela disse secando com um dedo cheio de anéis uma súbita gota que rolou pela sua bochecha rosada. — O bonsai sumiu!

Ela então abaixou a cabeça.

— Compreendo a sua tristeza — me solidarizei com ela enquanto olhava de soslaio para o pinheiro que jamais sairia dali.

— O bonsai sumiu — ela repetiu. — Quando voltei de viagem não o encontrei mais.

— Que coisa!

— Eu o havia deixado num cantinho da sala do japonês e quando voltei lá ontem à tarde encontrei o cantinho vazio.

Assobiei baixinho.

— A sala estava até sem os móveis — ela acrescentou com indignação.

— O que o japonês lhe disse sobre o bonsai?

— Não disse nada — ela choramingou. — Ele não fala português e aparentemente mora sozinho.

— O caso é mais complicado do que eu imaginava — comentei depois de tomar mais um gole de mate.

— Parece que ele não fala nem japonês! — revelou a mocinha já à beira do desespero. — Veio muito bebezinho do Japão e nunca conseguiu aprender a nossa língua.

— É o que dizem por aí?

— Sim — respondeu a mocinha. — Ele não fala língua nenhuma!

Depois de uma pausa e de um suspiro ela acrescentou:

— Ele só balança a cabeça e parece sorrir.

— Não é uma estátua — tentei ser espirituoso para animar a mocinha.

— Não sei se pisca os olhos.

Refleti por uns segundos e ponderei:

— Ele deve entender um pouco da nossa língua.

— Acho que entende — ela disse me estendendo a mão. — Não posso perder o meu ônibus.

Já na calçada ela me pediu um favorzinho enquanto eu fechava o portão:

— Será que o senhor não consegue descobrir onde aquele japonês enfiou o meu bonsai?

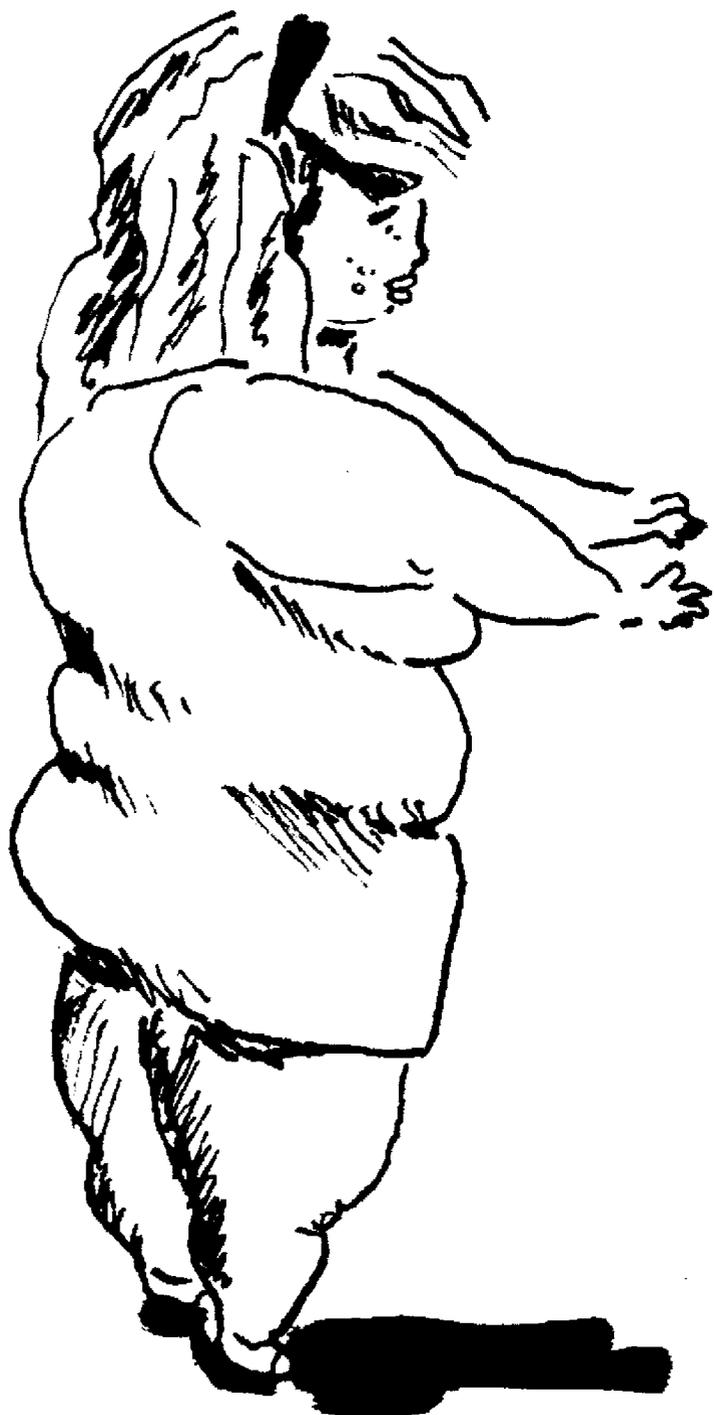
E me entregou um papel com o endereço dele. Caíam então algumas gotas grossas e frias.

— Vou tentar — prometi. — Mas o japonês não deve ser fácil.

Ela abriu o guarda-chuva e se afastou rapidamente sem olhar para trás.

Ilustrações: **Fabiano Vianna**





2

Não sou de bisbilhotar à toa a vida das pessoas. Por isso não quis saber se a minha cliente era fiscal do governo ou vendedora de uma firma qualquer. Simplesmente decidi ajudá-la.

Quando parou de chover eu bati na porta do japonês. Ele mesmo a abriu. Sou um pinheiro. O japonês era um bonsai. E bem mais velho do que eu. Vestia roupas ocidentais.

— Será que posso falar com o senhor? — eu disse lentamente.

Seu rosto não tinha expressão. Ele parecia estar dormindo em pé. Dormindo em paz.

Moveu quase imperceptivelmente a cabeça branca. Depois me convidou a entrar afastando-se para o lado.

Na sala havia apenas um tatame onde nós dois nos sentamos quase ao mesmo tempo. Um de frente para o outro com as pernas cruzadas e sem sapatos. Já convivi muito com os japoneses do Paraná. Os tatames não me assustam mais. Mas confesso que dessa vez busquei com os olhos uma almofada à mão. Em vão.

— O que me traz aqui é o sumiço de um bonsai — eu disse sem rodeios. — Uma moça que é sua vizinha me disse que o deixou nesta sala há alguns dias...

O rosto dele continuava sem expressão. Uma máscara. Então continuei:

— Mas quando ontem à tarde ela voltou a esta casa a arvorezinha tinha sumido.

O japonês não emitiu nenhum som. Parecia mudo ou talvez de fato não falasse língua nenhuma. Assim diziam as más línguas do bairro.

Era quase certo que ele não tinha talento para línguas. Mas compreendia certamente português. Pois não só me convidara a entrar como agora me ouvia atentamente sentado diante de mim. Fez um pequeno gesto com a mão como

se me pedisse calma.

Eu estava mesmo prestes a perder a paciência por causa de uma vontade premente de ir ao banheiro e exclamei:

— Onde terá ido parar esse bonsai!

O japonês então se levantou e saiu da sala em silêncio. Eu disse baixinho para mim mesmo:

— Foi buscar o bonsai.

Desdobrei as pernas e me sentei informalmente no tatame. Esfreguei as mãos nos joelhos. Tudo fora resolvido com uma conversa franca.

O japonês voltou com um bloco de papel e uma caneta. Sentou-se diante de mim e rabiscou alguma coisa numa folha. Estendi a mão. Pois percebi que aquela folha me era destinada. Ele me entregou a folha.

Pus os óculos e li nela esta frase:

“Ele o espera na casa ao lado.”

Sorri. Finalmente o caso estava resolvido e encerrado. Guardei a folha dobrada no bolso do paletó e disse ao japonês:

— O senhor escreve muito bem na nossa língua.

Ele não agradeceu o elogio.

— Já estou indo — eu disse me levantando do tatame com certa dificuldade. Calcei os sapatos e pedi para usar o banheiro.

O japonês me acompanhou até a porta da frente. Chuviscava. Abri o guarda-chuva e saí para a rua.

Depois bati palmas no portão da casa ao lado. Era não só idêntica à casa anterior como também estava colada nela. Quase imediatamente a porta se abriu e surgiu à minha frente outro japonês de cabeça branca. Tinha a cara enigmática ou inexpressiva do outro. E talvez a mesma idade. E a mesma altura.

O segundo japonês vestia um kimono. Mas não foi isso o que mais me impressionou. E sim o fato de que era provavelmente irmão gêmeo do outro. Pois só gêmeos são tão parecidos entre

si como aqueles dois.

A chuva engrossara de repente.

— Será que posso falar com o senhor? — eu pedi já abrindo o portão e entrando no jardinzinho da sua casa.

Depois de fechar o guarda-chuva eu acrescentei:

— Me perdoe a invasão.

O japonês parecia estar dormindo em pé. Como o outro. Dormindo em paz.

Ele se afastou da porta e eu entrei na sala depois de tirar os sapatos.

Na sala havia duas poltronas confortáveis onde nos sentamos. Eu esperava um tatame apenas. Passei os olhos pela sala. Vi num canto o bonsai. Estava no chão perto da janela fechada. Ali tomava sol e vento nos dias de bom tempo. Era uma arvorezinha de tronco curto e galhos retorcidos cobertos de folhas verdes.

Suspirei aliviado.

— Ali está o bonsai! — exclamei me erguendo da poltrona e caminhando até ele.

O japonês permaneceu sentado na sua poltrona de costas para mim.

Então me inclinei e peguei o bonsai. Não pesava nada. Depois voltei até o centro da sala. Sem me sentar na poltrona disse apenas:

— Vim buscá-lo a pedido da sua dona.

O japonês balançou duas vezes a cabeça concordando.

— Obrigado por ter tomado conta dele — disse realmente agradecido enquanto me dirigia para a porta.

O japonês me acompanhou e segurou o bonsai enquanto eu amarava o cadarço dos sapatos.

— De nada — ele disse baixinho quando me passou o bonsai. Eu já havia aberto o grande guarda-chuva negro.

— O senhor fala a nossa língua! — eu exclamei debaixo do guarda-chuva. — E sem sotaque!

— Moro no Sul há muitos anos — ele confessou.

— Mas não nos conhecíamos ain-

da — eu comentei voltando para mais perto da varanda.

— É que eu e meu irmão nos mudamos recentemente para esta rua.

— Os senhores moravam no interior?

— Em Maringá.

Antes de ir embora definitivamente pedi para usar o banheiro.

Então compreendi tudo.

Caminhando na calçada em direção à minha casa com o bonsai numa mão e o cabo do guarda-chuva na outra solucionei o caso definitivamente.

Pareceu-me evidente que a avoadona dona do bonsai o deixara na casa do japonês falante e depois fora buscá-lo na casa do japonês mudo ou taciturno. Sem ter dado pelo engano. Completamente avoadada! Ou desinformada. Pensara que só havia um japonês na rua. Mas havia dois. E um escrevia bem e o outro falava melhor ainda.

Continuei caminhando e avistei o meu pinheiro no meio da outra quadra. O bonsai me pareceu um gato. Se não estivesse chovendo ele até poderia saltar do meu braço e fugir correndo pela rua. Foi uma fantasia que logo varri da mente. O fato é que eu havia reconquistado o bonsai!

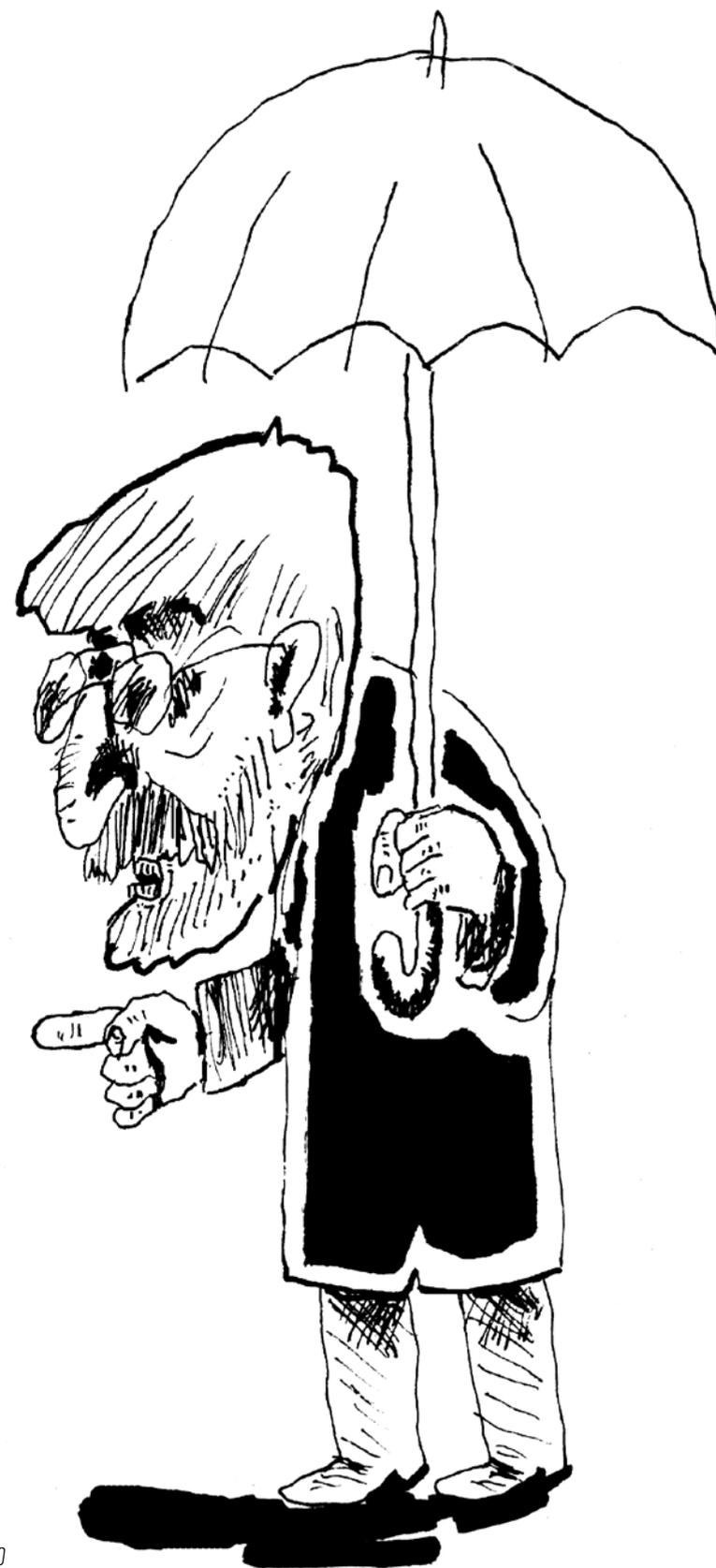
Não entendo muito de bonsai. Mas sabia que era preciso regá-lo todos os dias pela manhã. E expô-lo ao vento.

— Eis o que ganhei por ter resolvido esse caso tão cedo!

Agora não poderia mais viajar. Mas a verdade é que raramente viajo. Só temo que a sua dona se esqueça dele e não venha nunca mais buscá-lo.



Sérgio Medeiros nasceu em Bela Vista (MS) e atualmente reside em Florianópolis (SC). Ensina literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Traduziu ao português, entre outros, o poema maia *Popol Vuh* (Iluminuras, 2007), em colaboração com Gordon Brotherston. Publicou, entre outros, os livros de poemas *O sexo vegetal* (2009), finalista do Prêmio Jabuti 2010, *Figurantes* (2011) e *O choro da aranha* (2013). O texto publicado nesta edição do *Cândido* é um fragmento do livro inédito *O giro dos insetos* que será publicado em 2015 pela Iluminuras.

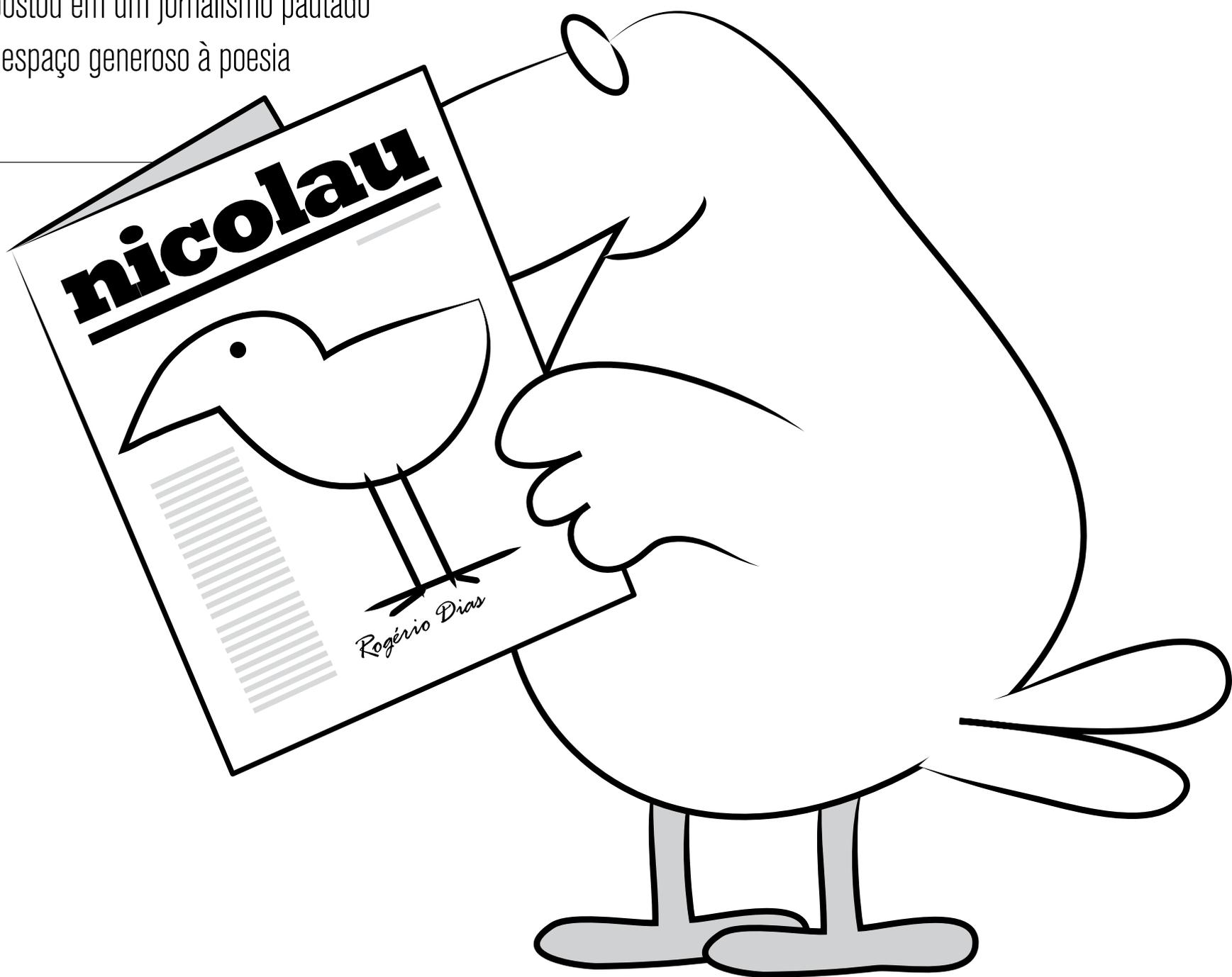


A era *Nicolau*

Publicado pela Secretaria de Estado da Cultura ao longo de dez anos, suplemento alcançou tiragem imensa, manteve um grupo diversificado de colaboradores e apostou em um jornalismo pautado pela reportagem e espaço generoso à poesia

Ilustrações: **Cesar Marchesini**

BEN-HUR DEMENECK



Nicolau veiculou algumas das melhores páginas do jornalismo cultural produzido a partir de julho de 1987. Mescla do paiol do Estado com a dinamite da cultura, terminou em 1996 sob a comoção de intelectuais de todo o país.

O tabloide foi editado fora do eixo Rio-São Paulo em anos de inflação galopante, de promulgação da Constituição e antes do computador substituir a máquina de escrever. A edição fac-similar que a Secretaria de Estado da Cultura coloca em circulação este ano, embora venha a prejudicar seu *status* de lenda de fim-de-século, irá dar aos leitores acesso a um jornalismo feito como artesanato.

Marcado pela qualidade editorial, sua projeção foi alavancada pela tiragem e pela distribuição gratuita. Com mais de 76 mil exemplares em circulação, ainda hoje superaria a soma da tiragem média dos dois principais jornais do Paraná (IVC 2013). Na sexta edição, fez circular 162.500 exemplares. Durante sua trajetória, *Nicolau* foi encartado em mais de 25 veículos de imprensa e chegou a ter mais de 20 mil assinantes.

FRESTA NO GUARDA-SOL

“A curiosidade intelectual, o assombro diante da arte e de seu poder transformador, a faísca dos atritos entre o arcaico e o moderno, entre o centro e o excêntrico, o olhar sobre a diversidade de culturas e ideias”, essas foram as motivações da redação de *Nicolau*, conforme enumera Josely Vianna Baptista. Ela foi editora-assistente nos 26 primeiros números. Autora de livros como *Roça barroca*, Josely se tornou uma poeta e tradutora de prestígio após a experiência no *Nicolau*. Em 1999, ganhou o prêmio Jabuti de tradução.

O impresso abriu espaços para a poesia experimental, para traduções criativas das mais diversas línguas, para textos sobre culturas ameríndias ancestrais

PAINEL



ESPAÇO ABERTO

A Feira do Poeta é um organismo da Fundação Cultural de Curitiba que se propõe a divulgar a poesia realizada na cidade. Desde os poetas mais consagrados até os iniciantes. Para isso, existem alguns recursos de infra-estrutura que permitem realizar um trabalho diversificado, em termos de impressão e distribuição. Há duas impressoras tipográficas manuais, que imprimem folhas soltas com poemas, bandeiras poéticas, cordel e livros com tiragem de até 500 exemplares. Conta também com a possibilidade de imprimir poemas-cartazes em *silk-screen*, com tiragem de até 200 exemplares. Há a tentativa de tirar a poesia do livro e levá-la ao palco, com recursos de cenários, iluminação e aparelhagem eletrônica para microfones e música ao vivo, através do Teatro Universitário de Curitiba (TUC), onde se realizam duas vezes por mês as Falações Poéticas, com espetáculos de poetas curitibanos. Foram realizados eventos com crianças de creches e escolas municipais para desenhar poemas nos muros da cidade, escolhidos e reservados para tal por meio de convênio.

Reinoldo Atem — poeta

UM RELEASE. DE FATO.

São Paulo é o fato. Curitiba o *release*. Nunca vi cidade no Brasil com tanta infra cultural, com tantas salas, quinquilhões de teatros, ateliers e o escambau. Tudo do Estado. Tudo oficial. Tudo com o bolor característico da burocracia. Com ponto, memorando, passando, demorando.

Umás duas semanas atrás (se o que sobra dos meus neurônios não me engana) o Paulo, aquele, o Brossard da Justiça, anunciou que seu Ministério estava editando um jornal cultural. Ninguém entendeu nada. Mas isso é o de menos. Faz tempo que ninguém entende nada mesmo. Mas a grita foi geral. Editores de cultura dos grandes jornais, produtores culturais etc. subiram a serra. Basicamente, todos questionaram a qualidade do que seria feito, o que seria gasto e se seria essa a função do Estado. Ou seja: colaboram todos

aqueles que não atrapalham. E, segundo a maioria dos que gritaram, o Estado sempre atrapalha. Outro argumento utilizado foi de que o Estado não deve se meter em áreas onde a iniciativa privada vem cumprindo seu papel. É verdade que esse último argumento não pode ser utilizado por aqui. Os outros eu deixo no ar, pra pensar. São Paulo é o fato. Curitiba o *release*. O *release* ao contrário? O único jornal alternativo e um pouco independente (pelo menos até agora) é feito pelo próprio Estado: O *Nicolau*. Wilson Bueno: o anti-*release*.
Amém.

Fernando Alexandre — jornalista



POLÍTICA MULHER

A luta da mulher para vencer as barreiras sociais e alcançar sua independência vem se desenvolvendo através dos séculos. Poderíamos citar muitos nomes de mulheres que foram pioneiras nesta luta e que conseguiram vencer os obstáculos, se firmando como mulheres e como profissionais, até suplantando os homens pela capacidade e competência. Mas isto não basta.

Hoje as mulheres participam da constituinte como deputadas eleitas e com uma carta de reivindicações, exigindo o fim da discriminação contra a mulher e contra o tratamento desigual que a lei dispensa a homens e mulheres, lutando para que a cidadania plena seja alcançada. Queremos mudança também nas leis ordinárias e complementares e participação nos órgãos de governo e nas decisões de poder.

Resta agora ampliarmos cada vez mais a nossa luta, para que não só as mulheres participem dela, mas que também os homens possam participar e compreender, juntamente com a sociedade, que a humanidade só poderá cantar a liberdade quando homens e mulheres estiverem vivendo em plena igualdade.

Contamos com a força *Nicolau* na conscientização de homens e mulheres paranaenses.

Irondi Pugliesi — deputada estadual

PARANÁ, CAPITAL: MANOEL

No centro geográfico do Estado, uma nova Capital.

Não serei o primeiro a pensar nisso — é uma idéia já entretida por muita gente fina.

Só quero dela expressar a mais recente representação.

Aonde? Alturas do eixo Manoel Ribas-Cândido de Abreu, nem tão longe das nascentes alcantiladas do Ivaí, região de florestas primordiais.

Além do mais, é a nossa última fronteira — a ser civilizada sem a pressa e sem as graves perdas e danos e imperfeições de outros processos de ocupação. Critério: cidadania, presente e futura.

Entre o frio e o trópico, a equidistância, surpreendente, das várias províncias econômicas e sócio-culturais. Tanto dista Manoel Ribas de Curitiba como de Paranavaí, tanto de Foz quanto de Paranaguá. Outros pares equidistantes de “Maneco Facão”: Londrina/Cascavel, Umuarama/Ponta Grossa, Sengés/Xamburé, Jacarezinho/Francisco Beltrão.

O velho Sul, integrador político de um Estado economicamente ocupado pelas bordas, e culturalmente formado por todas as hordas (perdendo o respeito, para não perder a rima), livrar-se-ia — exonerar-se-ia — da privilegiada mas trabalhosa (*noblesse oblige*) função de hospedar a sede de Governo.

E poderia então seguir o caminho de suas diferenças — como fazem as demais regiões.

Por outro lado — ou por todos os outros lados, com a Capital em Manoel — o Paraná poderá então dividir ainda mais de perto a sua própria face.

Jaques Brand — jornalista



PROFISSÃO: ARTISTA PLÁSTICO

Artista plástico é aquele profissional que chega no guichê administrativo da prefeitura e tenta se cadastrar como autônomo, e constata que ele não existe. É aquele que, além de produzir, emoldurar, embalar e pagar o transporte de ida e volta, ainda é recusado por “falta da qualidade” nos salões da corte.

Artista plástico é aquele que doar um trabalho seu para um chamado crítico ou colonista social para conseguir espaço nos jornais de de.

Artista plástico é aquele que talha pra arrumar grana, comprando material, produzir e deixar seu trabalho em consignação em uma galeria se vendido, terá descontada uma comissão de 15 até 50%. Também é marginalizado, o “pobre coitado” sempre está necessitando de ajuda.

Artista plástico é aquele que satisfaz quando se diz que uma obra de sua autoria será publicada. “também” citado o seu nome. Também é aquele que é convidado para dar uma aula e receber um salário sobre sua produção a alunos e professores (devidamente remunerado determinado horário de aula e não ganha nada por isso).

Artista plástico é aquele que é curado pelas “madames” para fazer uma obra para leilões beneficentes. Também serve, em dia de *vernissage*, “papagaio de pirata” para as fotos “calunáveis decadentes”.

Artista plástico é aquele que quando morre fica “puto da vida” que vê sua obra sendo disputada e comercializada por milhões de vintões não pode fazer nada.

Artista plástico é...

Eduardo Nascimento — artista plástico

COMUNICAÇÃO SOCIAL, MARKETING E OUTRAS BOSS

Até onde temos conhecimento pela primeira vez na história pelo do nosso país um governador de nomeado, por iniciativa pessoal, incentiva a determinação providências visando a sua estrutura de comunicação social e ferramentas de *marketing*. Esta seja a grande e revolucionária novidade que o Governador Alvaro Dias trouxe contribuição, em seu governo, através do Secretário Fábio Luiz Camargo da Comunicação Social, para o setor.

Porém, não pensem os mencionados que se trata de mais um “ele branco” carregando em seu bojo centena de *experts* e técnicos. A estrutura é extremamente enxuta e baseia-se basicamente em 4 coordenadorias, cada uma com seu respectivo responsável (profissionais selecionados pelo mercado, exclusivamente por competência, experiência e capacidade) que, sob a batuta e coordenação pessoal do Secretário, constituem a base da *intelligentia* de análise, planejamento e execução nas áreas de imprensa e jornalismo, relações públicas e promoção, *marketing* e propaganda.

Como assessores de apoio, o equipamento dispõe de uma infraestrutura de criação, produção gráfica e de vídeo cuja característica mais marcante é agilidade, aliada à eficiência.

Tudo este instrumental não funciona de forma profissional e agências de

e passou a um ter um foco especial na literatura hispano-americana. Talvez tenha sido o veículo que mais prestigiou a cultura paraguaia em terras verde-amarelas. Tudo “graças a uma fresta que abrimos no guarda-sol da cultura oficial (por vezes oficialisca e repleta de patrulhamentos)”, argumenta Josely.

Depois de viajar 600 km até Aluminosa, à beira do rio Paranapanema, a jornalista Adélia Lopes se convenceu de que “Curitiba pouco sabe do Paraná”. Ela expressa essa percepção na segunda edição do *Nicolau*, em texto sobre a localidade pouco conhecida e o escultor popular José de Freitas Miranda. Com esse mesmo interesse pela descoberta, a repórter escreveria sobre temas como os quilombolas dos Campos Gerais, a comunidade chinesa em Curitiba e as mulheres do Contestado.

Adélia Lopes editava o suplemento “Almanaque”, em *O Estado do Paraná*, e era assessora de comunicação da Cultura quando se envolveu na fundação do *Nicolau*. Foi uma das responsáveis para que a Secretaria deixasse o boletim *Raiz* para criar uma publicação autoral, marcada também pelo signo da reportagem. Para Adélia, o êxito do impresso passa por ele ter incorporado o clima do jornalismo dos anos 1980 — “quando o país acordava da ditadura” — e por ele conseguir refletir “tempos em que se ia para a rua e para o bar para falar de poesia”.

Artesanato Visual

A redação ficava separada da sala de arte-final, mas o movimento de colaboradores do *Nicolau* pelo prédio da Secretaria não era indiferente à então estagiária Rita Solieri Brandt, hoje chefe da Coordenação de Design Gráfico da Secretaria de Estado da Cultura. Ela se recorda de artistas como Denise Roman e Rogério Dias se deslocarem até o imóvel da rua Ébano Pereira para levarem trabalhos para serem editados.

Um mundo bizarro longe deste insensato mundo

Reportagem de ADÉLIA LOPES

Ao visitante deste insólito e extravagante mundo chamado Aluminosa não se sabe o que impressiona mais: se seu criador, se sua obra ou se a reflexão que se pode fazer sobre a condição humana. O próprio “arquitecto”, um lavrador de 64 anos cego desde 1979 chamado José de Freitas Miranda, admira-se hoje: “Era para fazer coisinha pouca e fiz coisa demais”.

Em 5 de novembro de 1975, ele escreveu na parede de sua morada a sua própria admiração e exatamente como sua gramática o permitia expressar-se: “Pensa que eu to fazendo atoa por vontade de mim não é não senhor por vontade minha eu não fazia coisa nenhuma disto aí meu senhor”. E no dia seguinte fez seu último registro escrito, na parede ao lado:

“— Bom dia, meu senhor. Me diga por que eu escrevo tanto assim. Meu senhor. Ou é por meu gosto ou é por vontade de Deus. Me diga então se eu estou errado ou certo. Boa tarde.” (Perante meia dúzia de frases, uma difícil façanha que demandou um período da manhã à tarde, impossível não sofrer a angústia e a perplexidade do artista.)

Gentil, nobre, extravagante, esquisito. Todos os sinônimos que a palavra bizarro possam conter cabem perfeitamente neste senhor que tateia a esmo pelas paredes de sua modesta moradia e que gentilmente ergue suas mãos em busca das minhas para a primeira saudação.

Fazia um imenso frio mas sua teimosia impedia que providenciasse um agasalho. O vento úmido varria os cabelos, por cortar, sem nenhum fio branco. Enobrecido pela barba — ela, sim, grisalha — desponha um par de olhos incrivelmente febris apesar da ausência de luz.

OBRA DE ARTE A CÉU ABERTO

Nascido lavrador, o porte de José revela altivez. Suas mãos são macias, esquecidas dos árdios tempos na colheita de café e dos 16 anos em

Num dia de agosto em que nevava em Curitiba, eu e o fotógrafo Luís F. Stinghen palmilhávamos o Norte paranaense em busca de Aluminosa, um pequeno espaço rural ausente dos mapas próximo ao Rio Paranapanema. Seguíamos a informação da professora Adalice Araújo, diretora do Museu de Arte Contemporânea, de que encontraríamos a incrível obra de um visionário. Encontramos. Como os cineastas Rui Vezaro, Fernando Severo e Peter Lorenzo mostraram no belo, premiado e desconhecido curta Aluminosa Espera do Apocalipse. Encontramos também o que não esperávamos. A imagem trazida na lente de Luís demonstra o que vimos. E desejo que meu relato transmita toda a indignação que carreguei nos quase 600 quilômetros de volta e que a chegada não aplacou. Pois Curitiba pouco sabe do Paraná.

que ajuntaram pedra, ferro, tijolo e cimento para dar vida às suas esculturas.

Generoso ou altaneiro: “Não é obra de negócio”. Extravagante (?): “Minhas esculturas foram feitas para ficar na natureza”. Esquisito: “O mundo já teve 500 Josés de Freitas e a cada quatro mil anos faço essas esculturas para esperar a chegada do povo”.

Desses 500, a feição de 32 ele diz ter-se recordado. E são as estátuas de Aluminosa. Uma das últimas delas é o auto-retrato em tamanho natural, onde faltam os pés, como ocorre sistematicamente nas demais.

Este escultor nasceu de família de agricultores de Itapuí — interior paulista —, onde possuía 20 alqueires. O avô de José os trocou por 500 alqueires no município paranaense de Colorado — 535 quilômetros de Curitiba, Norte Novo. José chegou a esse Eldorado na juventude. Sempre viveu no mato. Nunca foi à escola. E jamais viu uma obra de arte.

Para seus quatro filhos (é viúvo e mora com dois deles) e parentes (só de eleitores somam-se 80 pessoas), José revogou a realidade a partir de 1959, quando decidiu construir Aluminosa em uma área de vinte alqueires, vendendo para tanto os outros dez que lhe couberam na partilha dos bens do pai. Uma família na árdua labuta da terra não poderia entender a troca da enxada pela arte. Para os aventureiros do novo Eldorado só poderia estar louco. Tanto assim que ele foi e retornou (incólume?) de vários hospícios.

VISÕES NA MENTE: VOZES QUE MENTEM

Ali em Águas do Jupira, um bairro do Colorado com exatas 117 famílias de agricultores, vive José cercado de esculturas nascidas “de um ano (1959) inteiro de visão”. As imagens mentais, em primeiro lugar, foram pacientemente rabiscadas. E para escrever, decorou algumas frases de recorte de uma página da Bíblia. Foi



José e uma de suas feições. obra à margem devido à paranoia religiosa.

FOTO: LUÍS STINGHEN

Na recepção, o movimento dos correios era diário após julho de 1987. O fluxo postal era suficiente para completar pelo menos uma página do jornal com as mensagens recebidas. Numa mesma edição dividiam espaço comentários vindos de Londres, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Araraquara, Guaratuba e Presidente Castelo Branco (PR). Misturados aos anônimos, Rubem Fonseca e Lygia Fagundes Telles também se manifestavam como leitores.

Enquanto se desmontavam pacotes e envelopes para a redação, no setor gráfico Rita Brandt preparava as então 28 páginas do tabloide. Elas ficavam abertas, duas a duas, em papel quadriculado. A arte-finalista fazia as linhas de corte com caneta nanquim, usando algodão e álcool sobre a superfície para evitar borrões.

Ninguém imagina o esforço que era recortar com estilete um acento agudo e aplicá-lo na página já diagramada, após uma revisão. Em compensação, o trabalho era premiado pelo contato com trabalhos de artistas plásticos como Elifas Andreato e Poty Lazzarotto.

O projeto gráfico de *Nicolau* é de Luiz Antonio Guinski. Segundo Rita, além de idealizar a parte visual, ele participava das reuniões de pauta e também selecionava ilustradores e fotografos. Depois, em folhas com os textos consolidados pelos redatores, fazia anotações, definindo modelo e tamanho das fontes, o espaçamento e a aplicação de efeitos.

Luiz Antonio Guinski foi procurado pela reportagem, mas não quis dar entrevista. Numa comparação com a música, seu projeto gráfico trouxe a consistência harmônica da publicação. Encadeando grafismos, recursos tipográficos e padronagens em branco e preto, deu uma unidade tonal para conteúdos tão diversificados. Nelson Bond e Joba Tridente também trabalhariam como designers, em edições futuras.

“A curiosidade intelectual, o assombro diante da arte e de seu poder transformador, a faísca dos atritos entre o arcaico e o moderno, entre o centro e o excêntrico, o olhar sobre a diversidade de culturas e ideias”

Josely Vianna Baptista, ex-editora-assistente do *Nicolau*.

CATATAU AUTORAL

O conjunto das 60 edições de *Nicolau* é vigoroso pela regularidade de determinados autores e pela combinação de gêneros. No entanto, não é raro que uma edição, tomada individualmente, impressione pela constelação de participantes — Haroldo de Campos, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Paes, Milton Hatoum, Sérgio Sant’Anna, Manoel de Barros, Arnaldo Antunes, Dalton Trevisan e Rubem Braga.

Em sua primeira edição, ele já demonstra seu conjunto de vozes. Na capa, há desenho de Rogério Dias. Na contracapa, conto de Domingos Pellegrini. No miolo, Leminski tratando de antologias de poesia em Curitiba, o humor do Solda, o jornalismo de Joel Silveira, o ensaísmo de Rosely Vianna e as literaturas de Jamil Snege, Valêncio Xavier e Manoel Carlos Karam. No

contrapeso, havia notas de viagem, ensaio fotográfico, artigos e reportagens.

Entre os autores mais regulares, estava João Antônio. Ora escrevia sobre a censura ao jornal *Movimento*, ora anotações sobre Marcos Rey, ora críticas a Martin Heidegger. Assunto não lhe faltava. Paulo Leminski publicou ensaios, poemas, tradução de *Finnegans Wake*, e até se envolveu em polêmica no quarto número — “Disparates do Duarte”. Antes de morrer, havia deixado dentro de seu *Catatau* folhas datilografadas que redigia para um número de *Nicolau*.

Quem abrir as páginas do jornal aleatoriamente encontrará nomes de diferentes vertentes: Sérgio Rubens Sossélla, Alice Ruiz, Sylvio Back, Ademir Assunção, Marcos Losnak, Bráulio Tavares, João Silvério Trevisan, Alberto Puppi, Caio Fernando Abreu, Thadeu Wojciechowski, Roberto Prado.

E entre contos e poesias, também havia espaço para trechos de romance. Na leitura de um crédito, o leitor pode se deparar com a apresentação de um autor promissor: “Rosa Amanda Strausz, 29 (...) vai lançar seu primeiro livro pela editora José Olympio (...) [faz aqui um] pré-lançamento nacional”. O livro em questão ganharia o Jabuti na categoria contos, em 1991.

COSMÓPOLIS

“*Nicolau* foi uma publicação em que o texto era tratado com nobreza”, enfatiza Toninho Vaz, autor de *A biografia de Torquato Neto* e “ex-correspondente” do *Nicolau* nos Estados Unidos. Além do cuidado linguístico, ele gostava da abertura criativa das pautas. Fato que o motivava a operar em caráter experimental.

Certa vez Toninho desafiou o fotógrafo Paulo Filgueiras a fazer um “retrato Express” de Manhattan, com 36 fotos em 36 minutos, na média de uma “chapa” por minuto. Virou ensaio no *Nicolau*. Performance mais radical resultaria de sua decisão de ir a New

Orleans para encontrar o metro quadrado onde nasceu o Blues. Depois de muito pé na rua sob os vapores de “jambalaya”, delimitou no chão um “local exato”. E a matéria logo se converteu numa cerimônia *creole*.

O cosmopolitismo do *Nicolau* atraiu também a participação de estrangeiros como a fotógrafa inglesa Sue Cunningham. Também deixou colaboradores à vontade para fazer entrevistas exclusivas com tipos como Nam June Paik, Bill Sienkiewicz, William Burroughs e Murray Schafer. E com — por que não incluir nesse rol? — Paulo Francis, César Lattes e Luiz Carlos Prestes.

A falta de fronteiras podia ser sentida em traduções bilíngues, ainda que fosse de emigrados para o Brasil como Nempuku Sato. E mesmo nas decifrações do código guarani feitas por Luli Miranda. A diversidade de opiniões estava desde a seção “Mosaico”, onde circulavam comentários das mais diversas figuras — de poetas a políticos. Em uma delas, lemos o jornalista Jaques Brand defender o deslocamento da capital paranaense para a região de Manoel Ribas e Cândido de Abreu.

Se a telenovela “Vale Tudo” havia lançado na multidão o “quem matou Odete Roitmann?”, Rodrigo Garcia Lopes devolveria o bordão com a reportagem “Quem matou Miguel Bakun?”. Nesse texto questionou por que esse pintor de Curitiba cometera suicídio. Afinal, a vida não tem *replay*.

ASTRÊS SÍLABAS

“O *Nicolau* é o último bastião romântico do jornalismo brasileiro” — era o que José Fernando Karl ouvia do editor Wilson Bueno (morto em 2010). Eles repetiam esse dístico entre si com frequência. Não é à toa que, o alvo da equipe era cumprir “uma pauta impossível”, hiperboliza.

ESPECIAL | NICOLAU

Fernando Karl foi redator e editor-assistente da edição 36 a 55. Fase em que acompanhou “concursos”, como o que revelou Ricardo Corona, e em que ajudou a publicar material inédito como trechos do livro inacabado de Pedro Nava. Fernando se emociona em saber do lançamento dos fac-símiles de um periódico que “era totalmente artesanal”.

A história de sucesso (e embates) do *Nicolau* começou durante a gestão de René Dotti, no governo de Alvaro Dias. No seu primeiro ano, já foi considerado o melhor veículo de divulgação cultural de 1987 pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Alçado a estrela dos governos, chegou até o mandato de Jaime Lerner e atravessou o de Roberto Requião.

Basicamente, o *Nicolau* teve três momentos. O primeiro se deu do número 1 ao 26 (agosto de 1989). Período de criação e de estabelecimento de uma identidade, no qual se completaram dois anos corridos de periodicidade mensal. A imposição de um conselho editorial foi o ponto de partida para uma crise que terminou com a demissão em massa da redação. Apenas o editor Wilson Bueno permaneceu do núcleo original. Durante essa segunda fase, que vai da edição 27 à 55 (Set/Out 1994), o jornal apresentou algumas falhas na periodicidade, mas se estabeleceu como bimestral.

Em 1995, diferenças entre a direção do jornal e o então secretário de Cultura culminam em outra debandada da redação. Para Eduardo Virmond, o jornal deveria ser como a “New York Book Review”. Sob a edição de Regina Benitez circulariam mais cinco números, o primeiro deles foi comemorativo aos “50 anos da Vitória das Forças Aliadas”.

FAC-SIMILAR

A edição fac-similar, apesar da redução do tamanho em relação aos originais, não traz prejuízos para a leitura. Cada

exemplar mede 23 x 29, ou seja, é cerca de três centímetros maior na altura e na largura que uma edição das revistas semanais de circulação nacional. As 60 edições de *Nicolau* serão agrupadas em três caixas, com design de Osvalter Urbinati.

Em 2009, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo lançou livro re-presentando ao público “O Homem do Povo”, o semanário de Oswald de Andrade e Pagu. Em 2001, a Imprensa Oficial do Paraná havia feito o mesmo com a revista *Joaquim* sob a direção de Miguel Sanches Neto. Segundo o escritor, “a reedição de publicações simbólicas servem para dimensionar a sua relevância ao permitir uma visão de conjunto”.

Os fac-símiles, ao replicarem a experiência editorial, tendem a estimular produções acadêmicas e novas publicações culturais. Para o Secretário de Estado da Cultura Paulino Viapiana, “o *Nicolau* foi o mais importante veículo cultural do Paraná”. Paulino foi o responsável pelo projeto, que levou dois anos para ser concluído e terá tiragem inicial de 2.000 exemplares com distribuição concentrada para todas as bibliotecas do Estado e instituições nacionais.

Nicolau ganha agora *status* de livro de 1.828 páginas. A sua consulta promete uma imersão numa interessante experiência regional de jornalismo cultural. Por trás desse nome típico de colônia, revela-se uma produção intelectual e artística de primeiro nível distribuída em larga escala e gratuitamente sob os brados de uma nova Constituição e o frenesi de etiquetadoras do comércio. Cabe ao leitor retirar a dinamite de dentro do paiol, em caso de querer retirar as rochas que atravancam seu caminho. ■

 **Ben-Hur Demeneck** é jornalista e doutorando em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Foi editor do jornal cultural *Grimpa* e é autor do livro *PG de A a Z e outras crônicas*.



POEMA PARA QUANDO ME VEJAM

Jamil Snege

Morto, olhem minha baba.
Desce franca pelo rio de barba
do canto da boca.
O que pensou? O que engoliu?
(Palavra entalada.)
O cérebro desorganiza a massa
vocabular e aparecem uns siris,
feito fetos, nódulos de cartilagem
no aço da autópsia.
Seres?
Absconsos. O corpo agora é montura
de searas.
Há algo que imperece, entretanto.
Algo entredentes. Um esforço.
(A lágrima do morto nem lágrima é;
o olhar é que se liquefaz.)
E a baba do morto, atentai, contém
todos os poemas — é a baba do morto
que desata pássaros pela sala, é a
baba do morto que provoca orgasmos
fúnebres nas mulheres e tinge de
roxo a ogiva das catedrais.
O morto é artífice de sua morte
mas não se mata de todo; não se
conclui.
Incômodo saco de sementes,
arrepia de vida seu redor.
E por jazer de morto se finge.
Mas é dele esse tropel, esse sol
que mastiga o luto dos enterros
com a boca escancarada de túmulos.
Ri o morto, pois se apropria
daquilo que jamais poderá detê-lo.
Sua baba?
Ardil. Riso que se liquefaz.

■ Jamil Snege é autor de *Tempo sujo* (1972) e *Ficção anárquica* (1972).

Um dos escritores bastante presentes no *Nicolau*, Jamil Snege aparece na edição 14 com um poema em prosa.

NICOLAU | LINHA DO TEMPO



A sala de arte-final da redação do jornal *Nicolau*.

Fevereiro de 1987

Professora Gilda Poli, então diretora da Imprensa Oficial do Paraná, procura René Dotti, Secretário de Cultura do governo Alvaro Dias, para imprimir um periódico cultural. Em reunião com os jornalistas Adélia Maria Lopes e Aramis Millarch e também com Constantino Viaro, superintendente do Teatro Guaíra à época, articula-se a criação do jornal, tendo sido Wilson Bueno o nome escolhido para ser editor do projeto.

Julho de 1987

É lançada a primeira edição do *Nicolau*. Com tiragem inicial de 168 mil exemplares e periodicidade mensal, o jornal viria a ser uma referência no jornalismo cultural brasileiro.

Agosto de 1988

Nicolau recebe prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte: melhor veículo de divulgação cultural de 1987.



Com quantos paus se fazia um Nicolau

O poeta **Rodrigo Garcia Lopes** relembra os principais momentos do período em que trabalhou no jornal e do convívio com Wilson Bueno e outros colegas de redação

Em 1988 eu estava em meu segundo emprego como jornalista, na “Ilustrada”, da *Folha de S. Paulo*, quando fui convidado a ingressar na equipe do *Nicolau* (1987—1996), o que aconteceu no começo do ano seguinte. Eu colaborava com o tabloide mensal desde seu início, e a sugestão do meu nome ao editor Wilson Bueno (1949—2010) foi da poeta e tradutora Josely Vianna Baptista, editora-assistente e recém-amiga. Várias coisas influenciaram na minha decisão de topar a aventura: primeiro, meu estágio na *Folha* havia chegado ao fim e eu estava novamente sem emprego. Segundo, havia a chance de poder

participar de um projeto incrível e apaixonante de jornalismo cultural com o qual eu me identificava e, terceiro, a proximidade de interlocução com figuras do calibre de Jaques Brand, Josely Bueno, Alice Ruiz, Guinski e, sobretudo, Paulo Leminski, que acabara de voltar a Curitiba, vindo de São Paulo.

Eu não era contratado, nem era funcionário da Secretaria de Cultura. Trabalhava como free-lancer. O “salário” era mais um pró-labore, por isso minha grana era bem curta. Lembro-me de ter sobrevivido alguns dias do inverno de 1989 a base de pinhões. Nada mais curitibano, pensava. Às vezes, em meu caminho pela Saldanha Marinho, sacrificava a grana do ônibus e de um lanche por uma parada no bar Kapelle ou por uns solos insinuantes de jazz no Saul Trumpet. Depois, voltava a pé pro Bigorrião, onde morava no apartamento de um amigo, o Gabriel Lessa. Foi um ano que pareceu interminável, intenso e cheio de descobertas.

Quando entrei para o jornal, o poeta e jornalista Jaques Brand já saíra da equipe, o editor era Bueno, a Josely, a editora-assistente, o Luiz Antonio Guinski, o designer e produtor gráfico.

A equipe contava ainda com a Rita de Cássia Soliéri Brand e Lilian na parte gráfica, Iara Rossini e Hamilton (revisores). Incrível mesmo era o que conseguíamos fazer com uma equipe tão pequena. O ambiente era ótimo e agradável, de grande liberdade. Todo dia tinha alguma novidade. Nosso “bunker” ficava nos fundos da Secretaria de Cultura. *Nicolau* era frequentemente visitado. Apareciam na redação figuras como Sylvio Back, Valêncio Xavier, Manoel Carlos Karam, Alice Ruiz, Jamil Sneege, Leminski. A grande estrela, até por uma questão de temperamento, era o Bueno. As pautas eram discutidas coletivamente. Posso dizer que, de certa forma, todos editavam o jornal, cada um acionava seus contatos. Era tudo muito democrático. O Bueno andava com problemas pessoais e era comum que se ausentasse por longos períodos, e muitas vezes o jornal acabava sendo fechado pelo Guinski, Josely e eu. Às vezes fechávamos o jornal inteiro e o Bueno mandava apenas o editorial. Já em outros números, sua participação era mais ativa. Discutíamos a estrutura principal da pauta do *Nicolau*, que tinha várias seções fixas como “Mosaico”, “Tradução”,

“Depoimentos”, “Triz” (poesia brasileira contemporânea), “Fotografia”, “Ensaio”, “Dossiê”. Bueno mobilizava sua rede de contatos. A presença de histórias em quadrinhos, ilustrações e trabalhos gráficos era outra marca do *Nicolau*, sobretudo graças ao trabalho gráfico e os contatos do Guinski. Já a Josely e eu fazíamos a ponte com tradutores, jornalistas, poetas, ensaístas. Quando a edição saía, ficávamos todos lambendo a cria, saíamos pra comemorar. A gente sabia que cada número era uma vitória, ainda mais dentro de uma estrutura oficial, estatal. Resumindo, foi um período turbulento, mas muito gostoso e criativo. Por isso, considero cada número daquela época como único.

O *Nicolau* tinha uma tiragem impressionante naquela época (chegou a 150 mil, se não me engano). A mala direta também era robusta, alcançava muita gente no Brasil e no exterior. Seu alcance era ampliado pelo fato dele ser encartado em mais de vinte veículos da imprensa paranaense, como *Gazeta do Povo* e *Folha de Londrina*. Outra preocupação da equipe era “descuritibaniar” o jornal, mostrando a cultura que estava sendo feita em outras partes do Paraná com igual peso e valor. Isso acabou descentralizando e mostrando que havia vida inteligente no Estado, revelando nacionalmente novos autores e artistas.

Fiz algumas matérias importantes naquele período, como “Quem Matou Miguel Bakun”, um dossiê sobre o “Van Gogh” curitibano (1909-1963), entrevistas com o músico Itamar Assumpção, o diretor de cinema Sergio Bianchi,

Setembro e outubro de 1989



A equipe que pediu demissão. “Nicolau” está em crise. Só ficou o editor

Crise no *Nicolau*: criação de um Conselho Editorial do jornal causa desconforto na equipe, que opta por deixar a publicação. Só ficou o editor, Wilson Bueno. René Dotti, Secretário de Cultura da época, publica carta onde explica a situação, as demissões e a criação do Conselho Editorial. A equipe fez o mesmo e explicou suas razões em outra carta aberta. Ambas foram publicadas em jornais de grande circulação no Paraná.

Fevereiro e março de 1990

Nicolau adquire registro civil sob decreto do governador Alvaro Dias. O jornal passa a ser integrado, oficialmente, à Secretaria de Estado da Cultura. Por conta de uma reforma na administração do Estado, a periodicidade da publicação se torna bimestral e passa a receber aporte do Banestado.

e um longo ensaio sobre a poesia de Leminski. Também publiquei poemas, perfis (como o do *buttonmaker* Hélio Leites), reportagens sobre poesia brasileira, espeleologia (explorando as cavernas de Rio Branco do Sul) e ecologia (sobre a ilha de Superagui). Fiz uma longa reportagem sobre o Cerco da Lapa (1894), que acabou ficando inédita. No *Nicolau* eu era meio um *faz-tudo*, me revezando nas funções de redator, repórter, editor, revisor e tradutor. Lembro de ter de assinar, a pedido do Bueno, várias matérias com pseudônimos (Nicolas Lucas, Daniel Link, Gertrude Stein). Desde o começo um ponto forte do jornal era a qualidade e diversidade das traduções, propiciando um diálogo com outras culturas, inclusive indígenas. Das que publiquei (quase sempre em parceria com Maurício Arruda Mendonça), destaco as de Shiki, John Donne, Arthur Rimbaud, Ezra Pound, Sylvia Plath e Gary Snyder. Posteriormente, contribuí com entrevistas com o videomaker Nam June Paik, o cineasta Stan Brakhage e a cantora e compositora Meredith Monk.

Não posso deixar de citar a edição do número 24, sobre ilhas e utopias, além da edição especial que fizemos quando da morte de Paulo Leminski, em agosto daquele ano. Minha convivência com o Bueno era boa, ele sempre foi carinhoso e generoso comigo. Lembro-me das crises pelas quais ele passava, e os papos noite adentro tentando acalmá-lo, animá-lo. Bueno estava, entre outras coisas, bebendo muito, e quando Leminski morreu ele, como todos nós,



Parte da primeira equipe do *Nicolau*. O grupo ficou no jornal até a 26ª edição.

ficou arrasado, e decidi parar de beber. Acho que ele virou um melhor escritor e ser humano depois disso. É um absurdo que seu assassino confesso esteja em liberdade.

Nicolau era a grande vitrine cultural do Paraná. No ano de sua criação já havia recebido o prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor jornal cultural do país. Logo nas primeiras semanas comecei a perceber que o *Nicolau* e sua equipe eram alvos de inveja de algumas pessoas do meio literário e artístico paranaense. Gente que insistia em “delatar” ao secretário René Dotti nosso “elitismo” (quando chegávamos a ser ditáticos!). Ou a existência de uma “panelinha” quando, na verdade, estávamos abrindo o leque, enfatizando a pluralidade das vozes e visões. Creio que o fato da equipe defender, com unhas e dentes, a autonomia e ousadia do jornal, recusando-se a

fazer jornalismo “chapa-branca”, também foi incomodando o poder. Éramos independentes, ambiciosos, criativos demais. O Bueno e a equipe sofriam muita pressão. Política, institucional, ideológica. Eu mesmo fui convencido a fazer um material “chapa-branca” para acalmar os ânimos. A crise estourou no número 26, quando a equipe foi forçada pelo secretário da Cultura (e pelo Wilson Bueno) a engolir um conselho editorial. Nós fomos contra, pois conhecíamos os interesses que haviam por trás da decisão e sabíamos que aquilo seria o início do fim de um projeto que nasceu coletivo. Na esteira da arbitrária demissão do Guinski, quase toda a equipe saiu, inclusive eu, em solidariedade. Durante a crise, Leminski chegou a publicar um artigo em defesa do jornal que foi amplamente divulgado. Anos depois desse imbroglho, voltei a colaborar com o jornal.

Orgulho-me de ter participado da fase heroica do *Nicolau*, e acho uma pena não existirem veículos com seu perfil hoje no país. Talvez seja porque o *Nicolau* tenha sido a tradução de sua época, pré-internet e barbárie cultural, de fala alijada, perda de referências e materialismo desenfreados, quando as pessoas ainda eram movidas por alguma utopia ou princípio-esperança. Hoje o jornalismo cultural virou, em grande parte, jornalismo de entretenimento, submisso aos interesses do Deus Mercado. ■

 **Rodrigo Garcia Lopes** é escritor, compositor e tradutor. Autor do disco *Canções do Estúdio Realidade* (2013). Mantém o site www.rgarcialopes.wix.com/ site. Vive em Londrina (PR).

Março de 1991

Mudança de governo: com Roberto Requião no gabinete, *Nicolau* se mantém.

Novembro de 1991

Jornal é eleito a melhor publicação cultural da América Latina durante o 23º Encontro Nacional de Escritores, que ocorreu em Brasília.

Setembro e outubro de 1993

Nicolau alcança a marca de 50 edições.

As melhores edições do *Nicolau*



Edição 1 — Imagine a situação. Manoel Carlos Karam escreve um texto para a orelha de um livro [real ou fictício?]. Valêncio Xavier assina uma entrevista imaginária com Poty Lazzarotto. Jamil Snege apresenta a sua prosa poética ímpar. Sérgio Rubens Sossélla entra em cena com a sua poesia inconfundível: “do público/ só me interessa/ o reservado”. Paulo Leminski resenhando lançamentos, Alice Ruiz traduzindo poemas japoneses e Domingos Pellegrini com a sua ficção peculiar. Pois a primeira edição do *Nicolau*, de julho de 1987, trazia tudo isso. Sim. Aqueles que se tornariam grandes nomes da ficção e poesia paranaense e brasileira estavam lá, no primeiro movimento daquele que seria um dos marcos do jornalismo cultural brasileiro. A geleia geral da cultura tinha espaço em todo o impresso. E o veículo não se restringia ao texto: os craques do traço marcaram presença desde o marco-zero (e por todos os 60 números do jornal) — Rogério Dias na capa e Solda no miolo. “*Nicolau* se quer, assim, como o registro vivo, inquieto e perturbador do tempo em que vivemos”, escreveu, no editorial, Wilson Bueno, escritor e o editor do jornal.

Maio de 1994

Periódico é a única publicação da América do Sul escolhida pela Columbia University para participar de um projeto de distribuição em mais de 200 bibliotecas norte-americanas.

Setembro e outubro de 1994



Nova troca de governo. É publicada última edição com a participação de Wilson Bueno.



Edição 12 — “É preciso lutar. Porque é na luta que se eleva o nível de consciência política e ideológica.” Esse foi o recado que Luiz Carlos Prestes deu aos jovens, durante a entrevista que concedeu a Dalva Ventura e Manoel Wambier — o conteúdo está nas páginas 6, 7, 8 e 9 da 12.^a edição do *Nicolau*. Prestes tinha 90 anos e falou um pouco de tudo. Múltiplo, *Nicolau* apresentava ao público, na página 10 da mesma edição, uma análise da performance músico-existencial de Itamar Assumpção por Luiz Tatit: “Itamar faz um *rock* de breque.” Um poema de João Cabral de Melo Neto, uma análise da arte de Poty por Cassiana Lacerda, uma tradução de James Joyce por Paulo Leminski (trata-se de um fragmento de *Finnegans wake*) e uma resenha de *Pão e sangue*, de Dalton Trevisa, por Rosse Marye Bernardi são os destaques de uma edição repleta de pontos altos — o que inclui uma página, a 27, com intervenção gráfica de Guinski, um texto de João Antônio e outro de José Paulo Paes.



Edição 18 — Tony Ramos confessou: “O que eu quero deixar claro, é que eu sou um cara angustiado como tudo mundo, ansioso como todo mundo, que às vezes acorda irritadão, embora procure não passar isso para os outros”. Nando Reis desabafou: “O mundo trata mal as pessoas. Isso é uma triste constatação”. Os dois depoimentos encorpam a edição 18 do *Nicolau*. Tony Ramos abriu o coração para Dalva Ventura. Já Nando Reis, Charles Gavin, Branco Melo e Marcelo Frommer, quatro integrantes dos Titãs, conversaram com Ademir Assunção. A polifonia da edição viabilizou a voz literária inclassificável de Ricardo Guilherme Dicke, o experimentalismo de Sérgio Rubens Sosséla, a poesia de Manoel de Barros (“Gravata de urubu não tem cor”), a lírica de Mário Quintana (“A noite dorme um sono entrecortado, alfinetado de grilos”) e um ensaio fotográfico sobre manequins, clicado com muita arte por Carlos Roberto Zanello de Aguiar, o Macacheira.



Edição 21 — Jamil Snege, após sua morte, em 2003, tornou-se um dos escritores paranaenses mais cultuados do Estado. Em vida, o autor se valeu do espaço do *Nicolau* para publicar parte de sua obra. Na edição 21, Snege aparece com fragmentos do que viria a ser *O jardim, a tempestade*, ao lado de outros textos inéditos, como o da trinca de poetas Marcos Prado, Roberto Prado e Thadeu Wojciechowski. A edição ainda publicou duas cartas inéditas de Machado de Assis: na primeira, o escritor evocava companheiros de ofício e o culto aos amigos; na segunda, enviada poucos dias antes de morrer, Machado relatava seu estado de saúde e o amor que tinha pelas palavras. Jornalisticamente a edição também foi marcante. Mauro Montilha foi a Porto Velho experimentar Ayahuasca e participar dos rituais da seita União do Vegetal. Lá, anotou tudo que viveu e sentiu sob os efeitos alucínógenos da planta, numa transcrição

direta das suas visões amazônicas. E duas entrevistas ganharam destaque. A primeira feita com a psiquiatra Nistis Jacon, que fez história no teatro paranaense à frente do grupo Proteu, em Londrina. Já nas páginas finais da edição, quem dava as caras era William Burroughs. Esquivo, o beatnik, líder espiritual e neto do inventor da máquina de calcular, não dava entrevistas havia anos. No *Nicolau*, o autor falou do passado, do pesadelo da história, de demência, seu método *cut-up* e ficção.

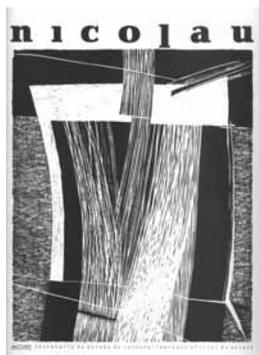
Dezembro de 1994

Nicolau recebe prêmio da International Writers Association (IWA), como melhor jornal cultural do Brasil.

Início de 1995

É o início do fim do *Nicolau*. O novo secretário da cultura, Eduardo Rocha Virmond, interfere no veículo sob a alegação de propor um jornal mais plural, com várias influências intelectuais. Esgotadas todas as tentativas de diálogo com o novo secretário, Bueno e sua equipe, quatro pessoas, se demitem da redação do jornal.

ESPECIAL | NICOLAU



Edição 25 — A edição de julho de 1989 foi publicada um mês após a morte do poeta Paulo Leminski. Em clima de luto, o número 25 foi quase todo dedicado a Leminski. Na seção “Mosaico”, amigos como Nelson Capucho, Alice Ruiz, Arnaldo Antunes, Denise Guimarães e Eduardo Ribeiro deram seus depoimentos. Jorge Mautner, por sua vez, decretou: “Paulo Leminski sempre foi e sempre será o além-poeta da tempestade. Ele é a síntese de todo aquele romantismo da Polônia e do romantismo do Brasil. Um samurai-poeta”. Rodrigo Garcia Lopes escreve um longo ensaio sobre o legado poético do “Polaco”. O texto foi permeado com originais de Leminski, em que aparecem anotações sobre seu romance *Catatau*. O jornal ainda traz o texto “Wanka”, do próprio Leminski. Já Boris Schneiderman analisou o trabalho de tradução desenvolvido por Leminski paralelamente à carreira de poeta. E Antonio Risério falou sobre *Catatau*, lançado originalmente em 1975 e que à época voltava às prateleiras em edição da Editora Sulina. Ao final do especial, Wilson Bueno, Domingos Pellegrini, Régis Bonvicino, Josely Vianna Baptista, Sylvio Back e Haroldo de Campos publicam poemas em homenagem ao amigo.



Edição 35 — O diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa deu o tom da 35ª edição. Em entrevista a Sábado Magaldi, afirmava que “reexistir é preciso”. O bate-papo durou quatro horas e, conduzido pela euforia do diretor, rendeu três páginas cheias do *Nicolau*. Era tempo de eleição, e o jornal foi à caça daqueles que queriam governar o Paraná, elaborando três perguntas sobre políticas culturais para os candidatos que iriam para o segundo turno: Roberto Requião e José Carlos Martinez. Na época também foram extintos alguns órgão de apoio à cultura, como a Embrafilme, *Nicolau* consultou alguns secretários da cultura em busca da resposta para a pergunta: “O que a cultura pode fazer pelo Estado?”. Nomes como Cláudia Roquette-Pinto, Maria Christina de Andrade Vieira, Moacyr Scliar, Sebastião Nunes, Newton Rodrigues, Jomard Muniz de Britto, Nitis Jacon e Silviano Santiago também falaram sobre a resistência cultural no Brasil. Lélío Sotto Maior e José Lino Grünwald discutem a Nouvelle Vague, o cinema francês e como ele ultrapassou os limites da ficção. Poemas de Langston Hughes foram traduzidos por Sylvio Back.



Edição 37 — A música conduziu, em grande medida, o tom da edição 37 de *Nicolau*. José Miguel Wisnik contou, a Alice Ruiz, sobre o seu percurso musical: “Na minha família não tinha músicos. Mas minha avó polonesa tinha um senso musical muito forte. Eu passei a infância e a adolescência estudando piano, Chopin sobretudo. Minha avó me corrigia nas mazurcas”. Wilson Bueno e Fernando Karl traduziram “Para escutar com fones de ouvido”, texto de Julio Cortázar. Entre outros variados conteúdos, Arthur Tramuja Neto faz um ensaio, “Te cuida, tchê!”, sobre os pontos de contato entre os paranaenses e os gaúchos, Casiana Lacerda decifra os mistérios de Emílio de Menezes e Millôr Fernandes apresenta o seu talento em breves poemas, entre os quais: “Noite de fadiga/ No céu/ Uma antiga” e “Lá no pico/ A gaivota acorda o sol/ com o bico.” Nas duas páginas centrais, Mazé Mendes — pintora e desenhista — mostra toda a força de seu traço inconfundível.



Edição 42 — Além do espaço para os inéditos, sobretudo poesia — que ocuparam a maior parte das páginas do *Nicolau* —, as entrevistas podem ser, sem exagero, apontadas como um dos momentos mais importantes do suplemento. Afinal, os depoimentos se apresentam, olhando a partir de hoje, como documentos relevantes até para pesquisas e trabalhos acadêmicos. A edição 42 traz, por exemplo, uma entrevista de Jamil Snege, concedida a Marília Kubota. O escritor morto em 2003, hoje festejado pela nova geração de autores brasileiros, dispara frases de impacto. “Não acredito no poder coercitivo da propaganda”, disse o sujeito que ganhou a vida como publicitário. “Todo artista vive em permanente desacordo com o mundo. A arte é a não-aceitação do empírico como ideia dos sentidos”, afirmou o artista que dedicou grande parte dos 63 anos a escrever uma ficção a partir de uma linguagem extremamente elaborada. “O humor é a capacidade de rir da própria tolice humana”, definiu o curitibano que, acima de tudo, foi um humorista em tempo integral, que ria de tudo, principalmente de si mesmo.

Março de 1995

Bueno e Virmond trocam farpas na *Folha de Londrina*. O secretário queria um jornal mais parecido com o *New York Book Review*. Para ele, o jornal precisava de novas influências, em detrimento do grupo intelectual de poetas que, na visão do secretário, controlavam o projeto.

Meados de julho de 1995



Nicolau segue sob a responsabilidade da jornalista Regina Benitez e do próprio Eduardo Rocha Virmond. A periodicidade deixa de ser bimestral. O jornal seguiu com mais cinco edições, já descaracterizado daquilo que o transformou num grande veículo cultural. Em 1996 deixou de ser publicado.



Edição 44 — A multiplicidade de vozes que sempre pautou o *Nicolau* está mais do que presente na edição 44. Luis Fernando Verissimo confessa, na seção “Mirante”, que gostaria de ter sido Louis Armstrong: “Fui procurar um curso de música em Washington D.C. para aprender piston. Eles emprestavam o instrumento. Não tinham um piston no momento. Tinham um sax alto. Servia? Serviu. O meu projeto de vida seguinte — ser o Miles Davis — já começou prejudicado. Além de a raça ser errada, o instrumento também o era”. A equipe do jornal entrevistou o bamba Cesar Lattes, um dos mais ilustres curitibanos, notável no mundo da física, que falou sobre música, poesia e do encontro com Einstein: “Vi Einstein passar, sem meias, em Princeton, não estava mais trabalhando...”. Sábado Magaldi pensa o teatro, Caco de Paula e Lauretino Gomes comentam o cotidiano dentro e fora de uma redação e Tiomkim assina o ensaio fotográfico “Ephebo Barro Ephebo”. Poético, Bueno comentou essa multiplicidade com nonsense: “Todo homem é um arquipélago aberto para os acidentes da paisagem”.



Edição 51 — “Boa noite. O jornal *Nicolau* está começando agora, hoje em edição telejornalística.” A frase é enunciada, na página 3 da edição 51, pelo jornalista Pedro Bial, na época, com 35 anos. Hilda Hilst concedeu entrevista à equipe do jornal, com a participação de Inês Mafra, e apresentou reflexões a respeito de diversos assuntos, em especial sobre o processo de criação: “Acho que o escritor quase sempre está inteiro naquilo que escreve. Existem, claro, momentos que não fazem parte da sua vida, mas acredito que o escritor está totalizado naquilo que escreve.” Rodrigo Garcia Lopes ganhou três páginas para apresentar a sua poesia, enquanto Ricardo Corona, em uma página, comentou a cultura dos Jivaros, tribo peruana para quem o ato de encolher a cabeça do inimigo é a única maneira de vencê-lo. Se os peixes da capa trazem a assinatura de lauro Borges/Joba Tridente, as duas páginas centrais veiculavam a arte de Leila Pugnalonni, carioca que se radicou e construiu percurso nas visuais morando em Curitiba.



Edição 55 — O último *Nicolau* com Wilson Bueno na edição traz, entre os muitos destaques, a última entrevista concedida por Jorge Luís Borges, no dia 16 de julho de 1984, ao ensaísta norte-americano Clark M. Zlotchew. “Vi um homem ser morto pela única vez em minha vida. E não me impressionou quando ocorreu, impressionou-me depois. A coisa cresceu em minha lembrança. Imagine: ver matar um homem”, disse Borges ao ser questionado sobre uma cena que teria presenciado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Luis Fernando Verissimo faz um ensaio sobre o humor, um texto memorável: “O homem é o único animal que ri de si mesmo. A hiena também ri, mas não tem nenhum senso de humor. Ou, pelo menos, nenhuma teoria a respeito.” Em “História das histórias da Rua XV”, o historiador Ruy Wachowicz conta alguns episódios a respeito do que acontecia, em um passado distante, na mais conhecida rua da capital paranaense: “Era costume curitibano, no império, fincar paus em frente das casas comerciais, ou colocar argolas nas calçadas, para o cliente amarrar suas cavalgadas”.



Edição 57 — Sob nova direção, com Regina Benitez à frente do suplemento, *Nicolau* se tornou um jornal completamente diferente do que era nos tempos em que Wilson Bueno estava no comando. A poesia quase não aparece na edição 57 — as 36 páginas estavam à disposição, sobretudo, de ensaios — em uma edição dedicada ao centenário do cinema. Bebéti do Amaral Gurgel assina uma pensata sobre o centenário da sétima arte, tendo como ponto de partida para o artigo a presença da mulher nos filmes. Já Lélío Sotto Maior Jr destaca dez momentos do cinema, citando filmes de Hitchcock, Kubrick, Godard, Resnais, Bergman e outros diretores acima da média. Os gêmeos Willy e Werner Schumann refletem sobre o humor no cinema, enquanto Ali Chaim apresenta uma enquete, na qual personalidades curitibanas, como Vinícius Coelho e Lala Schneider respondiam breves questionários sobre filmes, atores e gêneros cinematográficos. Nireu Teixeira, no texto “Horizonte de cinema”, lembrou que “o cinema foi muito mal visto pelos intelectuais que o viram nascer”. ■

Setembro de 1998

Lúcia Camargo assume a Secretaria de Cultura e extingue, por decreto, o *Nicolau*, que já não era publicado desde 1996. Cerca de 30 escritores publicam o manifesto Governo do Paraná mata o *Nicolau*, que foi enviado para diversos escritores do país. Wilson Bueno afirmou que o jornal cumpriu o seu papel de criar um jornalismo cultural de vanguarda: “ele [o *Nicolau*] terminou sua tarefa no número 55 em 1994. Depois foi o que chamaria de caricatura feita com muito pouco talento.”

O jornal também faz parte do legado do escritor

Wilson Bueno é conhecido pelas obras literárias experimentais que escreveu, mas sua temporada à frente do *Nicolau* é capítulo imprescindível em sua biografia

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Wilson Bueno tinha dúvidas a respeito da qualidade dos textos que escrevia para o jornal *Correio de Notícias*, de Curitiba, na década de 1980. Um dia, perguntou ao amigo Paulo Leminski: “Será que os meus textos têm algum valor?”. Leminski teria dito que sim, mas Bueno não se convenceu: “E por que as pessoas só comentam sobre o que você escreve?”. Leminski, então, de acordo com o que Bueno comentava com os amigos, fez uma proposta: “Vamos trocar os textos? Eu assino o que você escrever e você publica os meus.”

O resultado?

Os textos de Bueno, com a assinatura de Paulo Leminski, encontraram recepção entre os leitores do jornal. E os de Leminski, assinados por um quase desconhecido Wilson Bueno, passaram em branco. “Está vendo? Às vezes as pessoas só leem o texto de quem já tem nome. Você precisa continuar publicando. Para

se exercitar. E para se tornar conhecido.” Essas palavras, talvez enunciadas de outra maneira, mas com o mesmo sentido, foram ditas por Leminski, após aquela breve experiência de troca de textos, com a finalidade de incentivar Bueno, o jornalista que — naquele contexto — ainda sonhava ser escritor.

Bueno iria estreiar com *Bolero's Bar*, publicado pela Criar Edições em 1986. O livro reúne alguns daqueles textos veiculados na imprensa curitibana, que foram reescritos, e outros inéditos. Na apresentação, Leminski define e, em alguma medida, antecipa o caminho pelo qual o escritor iria seguir em sua trajetória literária: “O seu [estilo] foi sempre um estado limítrofe entre a poesia e a prosa, entre o registro real e uma alta voltagem imagética, de ressonâncias líricas.”

Mas, muito mais do que em *Bolero's Bar* ou qualquer outro livro ou impresso diário, a plataforma onde Bueno exercitou a linguagem literária e conseguiu divulgar o

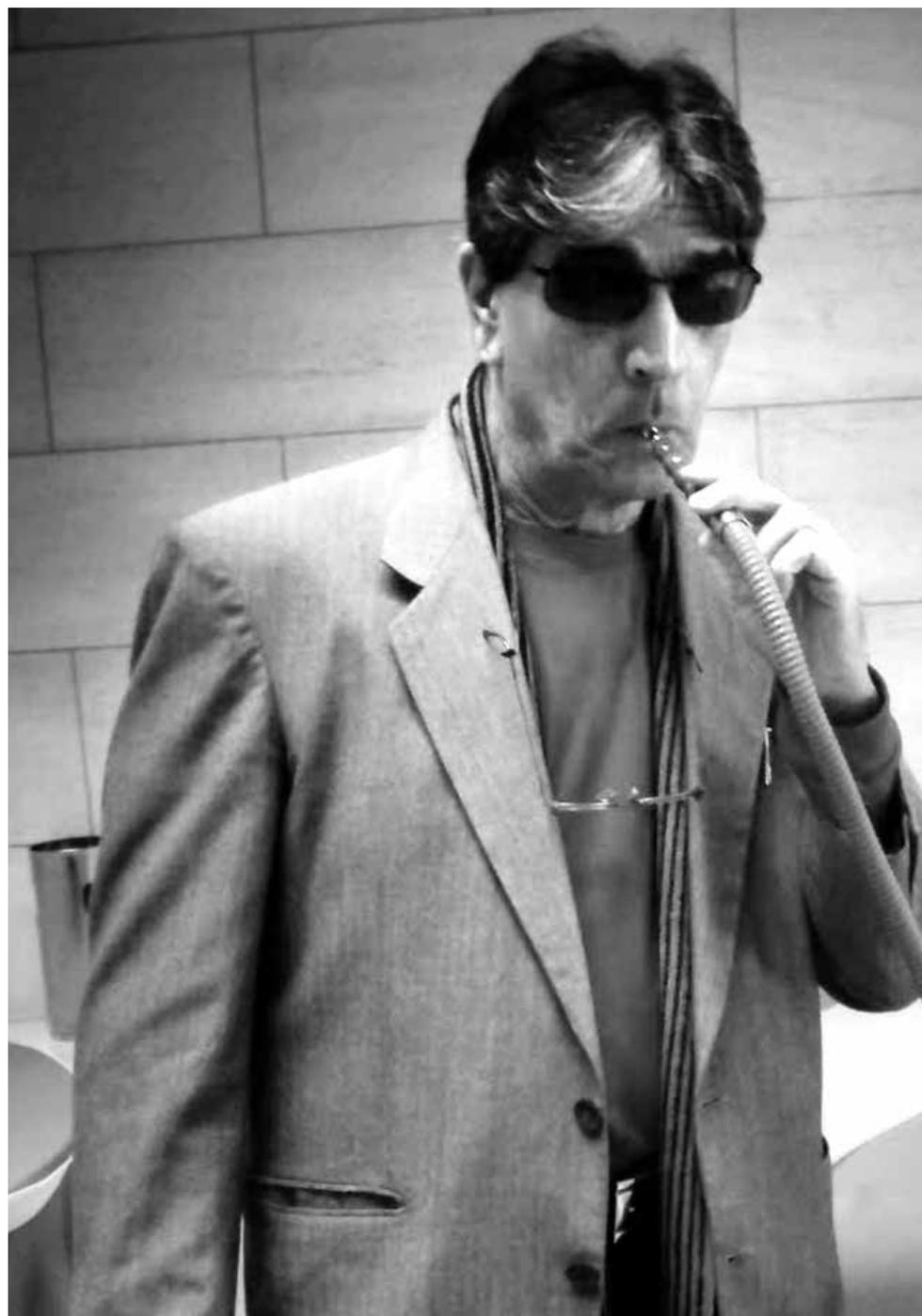


Foto: João Batista Santana



seu nome, para o Brasil e até para o exterior, foi no *Nicolau*. A partir de 1987, ele seria o editor da publicação da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

Ele era quase onipresente no suplemento.

Basta, por exemplo, conferir, a começar pela edição 3, onde Bueno publica o texto “As influências” — um ensaio sobre o processo criativo. Na edição seguinte, ele apresenta, na contracapa do *Nicolau*, “Arranjos pedestres”, um texto de ficção. Na página 25 da sexta edição, Bueno mostra um fragmento de *Mar paraguayo*, livro que ele iria publicar em 1992 — na edição 11 há mais duas páginas, a 12 e a 13, com mais fragmentos de *Mar paraguayo*. Já na edição 17, o editor do jornal veicula, na página 23, o texto “Manual de zoofilia”, texto que empresta o nome a um livro que ele publicaria em 1991.

E assim foi.

Bueno esteve à frente do *Nicolau* até a edição 55 e, na 60.^a edição, em 1997, o suplemento deixou de circular.

Os livros mais elaborados e maduros, pelos quais o autor é conhecido, e reconhecido, surgiram após aquela temporada do *Nicolau*: *Meu tio Roseno, a carvalô* (2000), *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (2004), *Cachorros do céu* (2005) e *A Copista Kafka* (2007) — além do póstumo *Mano, a noite está velha* (2011).

E até o final de sua vida, interrompida dia 31 de maio de 2010, Bueno seguiu falando sobre o *Nicolau*. “Incrível, não passam 30, 40 dias em que, até hoje,

pasme!, depois de 15 anos de minha saída do jornal e do fim do projeto, que eu não receba um enorme questionário, daqui ou d’além mar, de gente curiosa para saber do *Nicolau*. Ou porque seja, ainda outra vez, objeto de teses de mestrado, doutorado ou mesmo trabalho de conclusão de curso, nas universidades brasileiras, e não só brasileiras”, disse, em entrevista publicada no dia 5 de outubro de 2009.

O suplemento de cultura também faz parte de seu legado, onde ele experimentou literariamente e conseguiu compartilhar com o público vozes pelas quais tinha admiração, seja a do cubano Lezama Lima ou a do amigo Jamil Snege, entre outros contemporâneos como Paulo Leminski, Manoel Carlos Karam, Roberto Gomes, Valêncio Xavier, Solda, Alice Ruiz e Sérgio Rubéns Sossélla.

Seguir pelas páginas do *Nicolau*, em edição fac-similar, é ver, rever e confirmar que Bueno também apostou, naquele contexto original, em estreantes, como Ademir Assunção que, agora, tem a sua poesia lida e inclusive endossada, por exemplo, com o Prêmio Jabuti 2013 na categoria poesia.

Ecos de trocadilhos e outras práticas dos anos 1980 tendem a datar o *Nicolau*, mas ao mesmo tempo uma sensação de liberdade, e voo livre e experimentação autorizados a todos os colaboradores, redimem Bueno de eventuais tropeços durante o percurso daqueles anos que parecem distantes e também muito próximos de 2014. ■

Miramar aos 90

Principal romance do modernismo brasileiro, *Memórias sentimentais de João Miramar* teve um périplo tão tortuoso quanto o do personagem-título e de seu autor, o inquieto Oswald de Andrade

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Reprodução



Oswald de Andrade em foto de campanha para deputado federal, em 1950.

Tão anárquica quanto a prosa é a trajetória editorial de *Memórias sentimentais de João Miramar*. O “romance” que completa 90 anos em 2014, é uma espécie de síntese do processo criativo de seu autor, Oswald de Andrade. Não só por conta da estética afeita a inovações, mas também em razão do processo criativo empreendido pelo escritor modernista.

Há indícios de que Oswald tenha começado a escrever *Miramar* logo após uma de suas viagens à Europa, em 1912. Mas a primeira aparição do que viria a ser o livro se dá dois anos mais tarde, em 1914, no jornal *A Cigarra*. A partir daí vários capítulos do romance, formado por 163 fragmentos que compõem a vida do personagem-título, aparecerão em jornais e revistas de pequena circulação de São Paulo, onde apenas um círculo restrito de intelectuais têm acesso. Neste sentido, Oswald antecipa o caráter aventureiro do personagem — que pula de publicação em publicação — antes mesmo de o livro vir à tona.

Os “relâmpagos” que dão conta da existência de Miramar (o personagem) também estão em sintonia com a verve inquieta de Oswald, àquela altura impregnado pelas vanguardas europeias. O poeta Haroldo de Campos, em seu famoso ensaio “Miramar na mira”, aproxima o *Ulysses*, de James Joyce, à obra-prima do escritor paulistano, que, no entanto, não identificava o elo.

Se no plano estético não se pode cravar uma aproximação, tanto *Ulysses* quanto o *Miramar* tiveram trajetórias tortuosas até chegar à publicação. O livro de Joyce surgira a partir de um conto escrito em 1905, mais de uma

década e meia antes do materialização de *Ulysses* em livro, em 1922. *Miramar*, ao pedaços, igualmente vagou pelo menos uma década por revistas e jornais até vir à tona.

“Em 1923, Oswald de Andrade reformulou inteiramente as *Memórias sentimentais de João Miramar*, modificando a primeira redação completa, embora já tivesse publicado alguns capítulos na imprensa local, entre 1914 e 1919”, diz Maria Augusta Fonseca, professora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP).

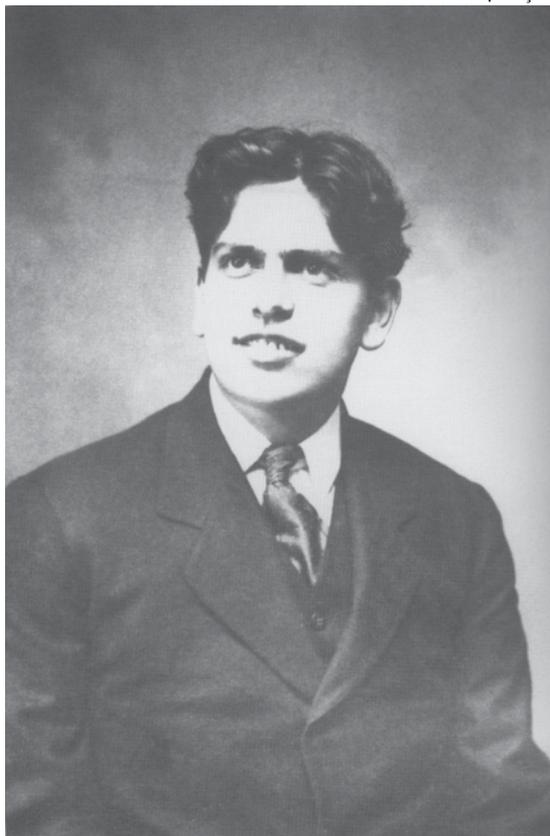
Segundo Maria Augusta, que também é autora da biografia *Oswald de Andrade*, da primeira versão do livro restou o testemunho de um caderno completo das *Memórias sentimentais*, que até onde se sabe, estava sob a guarda familiar. “Revolucionando seu próprio fazer, reconhecemos na versão publicada de 1924 apenas os títulos dos capítulos do manuscrito iniciado em 1914, e vestígios de alguns capítulos, dos quais o artista extraiu fragmentos”, diz.

Garçonnière

Em 1917, Oswald aluga uma Garçonnière na Rua Líbero Badaró, número 67, no então efervescente centro de São Paulo. No ano seguinte, 1918, ao longo de seis meses, o escritor dá início a um diário coletivo intitulado *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, em que, além dele próprio, colaboraram figuras como Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato e Léo Vaz.

Os frequentadores, entre eles Daisy — chamada de Miss Cyclone e uma das grandes paixões de Oswald —, registravam suas observações com bilhetes, receitas,

Reprodução



O autor, antes da fama, em 1911, em São Paulo.

poemas e desenhos. O livro, esgotado, foi publicado em 1987 em tiragem limitada pela editora Ex-Libris, com um projeto gráfico cuidadoso, preservando detalhes como colagens e dobras, e que traz dois ensaios importantes, que ajudam a compreender um pouco desse tempo, o primeiro deles assinado por Mário da Silva Brito e o outro de autoria de Haroldo de Campos. Agora *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* está disponível também em livro, em edição do selo Biblioteca Azul, da editora Globo.

Utilizando-se dos pseudônimos Miramar e João Miramar, Oswald aproveitou alguns fragmentos de sua lavra, extraídos desse diário coletivo, no seu futuro livro. Ali, já se verificavam as ambiguidades verbais, o espírito jocosos e a variedade temática que mais tarde estariam presente em *Miramar* e, posteriormente, em *Serafim Ponte Grande*, outro romance em que o escritor subverte a forma literária ao fundir gêneros.

Publicação

O tom fragmentado da narrativa pode sugerir um livro feito a partir de *insights*. Mas os dez anos que separam os primeiros vestígios de *Miramar* na imprensa até a publicação do romance dão conta de uma obra que foi exaustivamente retrabalhada. “Oswald trabalhou bastante para dar feição final às *Memórias sentimentais de João Miramar*; basta comparar o que foi publicado antes, em revistas e jornais, e a publicação de 1924. Não sei se era obcecado pela perfeição do texto, mas certamente buscava uma expressão artística inovadora, de alta qualidade. O que conseguiu”, diz a biógrafa Maria Augusta Fonseca.⁰

Lançado dois anos depois da mítica Semana de Arte Moderna pela Editora Independência e com capa de Tarsila do Amaral, *Miramar* teve uma circulação restrita. Prolífico, Oswald lançou, apenas um ano depois de seu romance mais célebre, em 1925, outro livro importante para



As duas primeiras capas das *Memórias sentimentais de João Miramar*, a primeira, de 1924, a segunda, de 1964, dez anos após a morte de Oswald.



A capa da mais recente edição do livro, que resgata textos de Mário de Andrade e Haroldo de Campos.



Algumas das anotações de Oswald no famoso diário coletivo *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* foram parar nas memórias de Miramar.

a literatura brasileira: a coletânea de poemas *Pau Brasil*, editado com a ajuda do poeta suíço Blaise Cendrars.⁰

Já na década de 1930, surge *Serafim Ponte Grande*, romance que também dialoga com as questões estéticas de *Miramar*, mas exacerba o lado picaresco de Oswald ao criar personagens antológicos como Pinto Calçudo, que é expulso do romance. *Serafim*, assim como *Miramar*, reforça a visão de um Brasil que, tardiamente, tentava se modernizar, sempre sob o prisma de um narrador privilegiado, rico e passageiro da primeira classe de transatlânticos.

Do ponto de vista editorial — e dada sua importância para a literatura nacional —, *Memórias sentimentais de João Miramar* foi um fracasso. O romance só reapareceria em 1964, quarenta anos depois da primeira edição e uma década após a morte de seu autor.

Isso se deveu a circunstâncias de ordem pessoal e de natureza política, sugere a biógrafa, que cita o

ostracismo em que Oswald foi submetido depois de 1930 e a censura no Estado Novo como fatores para que *Miramar* fosse pouco comentado. A reedição do livro se deu graças ao empenho de Mário da Silva Brito, que foi amigo íntimo do autor e grande estudioso de sua obra, além de pioneiro historiador do modernismo brasileiro. “No caso de *Memórias sentimentais de João Miramar*, acresce à dificuldade de compreensão por grande parcela de leitores, a falta de circulação desses livros, geralmente com tiragens pequenas e a custas do autor. Talvez o próprio Oswald de Andrade não tivesse interesse naquele momento, uma vez que nas décadas de 1940-50 centrou seu projeto estético na elaboração de *Marco Zero* (que pretendia conceber em 5 volumes, cada qual com um título específico). Desse conjunto só concluiu dois volumes: *A revolução melancólica* e *Chão*.” ■

Repertório em construção



Divulgação

Um dos principais nomes da cena contemporânea, o artista se dedica a ler e refletir sobre a música brasileira — mas sem deixar de lado a poesia e a ficção

OMAR GODDY

primeira banda, Losango Cáqui, ainda no final da década de 1990), Romulo não é tão “novo” como a imprensa insiste em rotular. Tanto que pegou gosto pela leitura, para valer, nos tempos áureos da revista *Bizz*, referência no jornalismo musical brasileiro nos anos 1980 e 1990. “O nome Losango Cáqui [título de uma obra de Mário de Andrade] caiu na minha mão por acaso, é claro que eu não lia esse tipo de livro naquela época. Eu devorava mesmo a *Bizz*, fanzines e publicações inglesas como *Melody Maker* e *NME*”, confessa, rindo, o ex-acadêmico de Artes Plásticas (formado em Licenciatura pela Faculdade de Belas Artes).

Em sua tentativa de entender a música e a cultura do Brasil, o artista partiu para conteúdos mais aprofundados. “*O Balanço da bossa*, em que o Augusto de Campos analisa a Tropicália ainda no início do movimento, é um texto que eu consulto até hoje”, conta. Seus “clássicos de formação” nessa área incluem, entre outros, *Noel Rosa: Uma biografia* (de João Máximo e Carlos Didier), *Chega de saudade: A História e as histórias da bossa nova* (Ruy Castro), *Verdade tropical* (Caetano Veloso), *O que resta* (Lorenzo Mammi), *O Balanço da bossa e outras bossas* (reunião dos estudos de Augusto de Campos) e *Ensaio geral: Projetos, roteiros, ensaios, memória* (Nuno Ramos).

Ramos, artista plástico e poeta, merece um parágrafo à parte. Afinal, é uma espécie de mentor do músico — além de principal letrista de seus discos, ao lado de Eduardo “Clima” Climachauska, também vindo das artes visuais.

Boa parte da biblioteca do paulista Romulo Fróes é composta por títulos musicais — biografias e coletâneas de ensaios. O que não é nenhuma surpresa, em se tratando de um dos raros artistas da dita “nova MPB” que refletem e escrevem sobre a produção de música popular no país. “Comecei a gostar de ler críticas antes de poesia e ficção”, diz o cantor, violonista e compositor, que publica artigos na imprensa desde 2007.

Aos 43 anos e com nove álbuns gravados (cinco solo, dois com o projeto Passo Torto e mais dois com sua

Romulo Fróes foi assistente de seu ateliê durante 16 anos, período em que conheceu novas referências e conviveu com figuras importantes do circuito cultural paulistano. “O encontro com o Nuno mudou a minha vida. Aprendi muita coisa com ele, inclusive a gostar de literatura. Porque, até então, eu tinha lido os livros recomendados pela escola e, principalmente, quadrinhos. Mais por causa do desenho, e não do texto”, afirma.

Um dos primeiros livros recomendados pelo “guru” foi *O idiota*, de Dostoiévski. “Ele disse que eu tinha a ver com o ‘idiota’ do título. Felizmente, era um grande elogio”, conta Romulo, que depois leu todas as obras do escritor russo. Ramos também indicou Philip Roth, outro de seus autores preferidos. “A escrita dele é incrível, e trata de um assunto que me é muito caro: a reflexão que o homem faz na velhice, quando olha para trás e se pergunta o que fez da própria vida”, explica, citando romances como *Homem comum*, *Fantasma sai de cena* e *O teatro de Sabbath*.

Carlos Drummond de Andrade, Reinaldo Moraes, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, João Antônio e Albert Camus também são mencionados durante a entrevista como autores marcantes de sua bagagem literária. Um repertório que, segundo o próprio artista, ainda está em construção. “Tive de correr atrás do prejuízo. Meus pais nunca leram um livro na vida. Ou melhor, minha mãe, empregada doméstica, leu a Bíblia. O pouco de cultura que tinha na minha casa veio do meu pai, que era funcionário de banco e tinha muitos discos, principalmente da MPB pré-bossa nova”.

Barulho feio, seu quinto álbum, já está pronto e deve ser lançado depois da Copa do Mundo. Segundo Romulo Fróes, trata-se de uma “implosão” de seu trabalho, que já tem o experimentalismo como uma das principais características. Desta vez, o músico registrou voz e violão

ao mesmo tempo, sem edição, para depois acrescentar apenas ruídos forjados por baixo acústico, sax e guitarra (não há percussão). Tudo, nas palavras dele, para reagir à monotonia do cenário atual, ocupado por jovens artistas que foram abandonados pela grande mídia depois da derrocada da indústria musical.

E é justamente sobre a geração pós-internet que Romulo se dedica a analisar nos artigos que publica em veículos como *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. “Ainda falta muito para eu reunir esse material em um livro. Mas, por mais que achem meu texto ruim, sou um dos únicos que está tratando dos artistas contemporâneos da música brasileira. No mínimo, será um registro histórico relevante.” ■

“A escrita dele [Philip Roth] é incrível, e trata de um assunto que me é muito caro: a reflexão que o homem faz na velhice, quando olha para trás e se pergunta o que fez da própria vida.”

Divulgação



CLIQUESES

EM CURITIBA



O fotógrafo **Guilherme Pupo** apresenta nesta edição sua visão do centro de Curitiba, em imagens que capturam o cotidiano da cidade, com o espaço urbano e seus habitantes sempre em primeiro plano. Pupo é especializado em fotografia empresarial e editorial. Formado em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem estúdio em Curitiba. ■



Desde Jean Paul-Sartre o termo *enfant terrible* nunca foi tão bem empregado a um escritor francês quanto após a chegada de Michel Houellebecq na cena literária. Nascido na ilha de Réunion em 1956, Houellebecq é atualmente o autor francês mais lido e comentado fora de seu país. Seus livros, ensaios, coletâneas de poemas e romances foram traduzidos para mais de 30 idiomas. Repleto de sexo e opiniões bombásticas sobre os mais variados assuntos, a ficção de Houellebecq não poupa ninguém. Já teceu críticas aos hippies, às corporções que promovem turismo sexual, aos católicos, gays e ateus. Por livros como *Plataforma* e *A possibilidade de uma ilha* foi acusado de pornográfico, xenófobo e racista. Um dos eventos mais marcantes da vida de Houellebecq foi o abandono que sofreu por parte de seus pais, que perderam o interesse em sua guarda quando o escritor ainda era criança. Aos seis anos foi morar com a avó paterna, de quem também adotou o sobrenome. O fato marcou a vida do escritor e o desgosto por sua mãe está presente em sua obra. O autor de horror H.P. Lovecraft também

exerciu influência na literatura de Houellebecq, sendo o primeiro

livro do francês um ensaio sobre a vida e a obra de Lovecraft. O

primeiro romance publicado por Houellebecq foi *A extensão*

do domínio da luta (1994) e é considerado por muitos um livro autobiográfico: uma história provocante sobre a

depressão psicótica causada pela miséria da afetividade nas

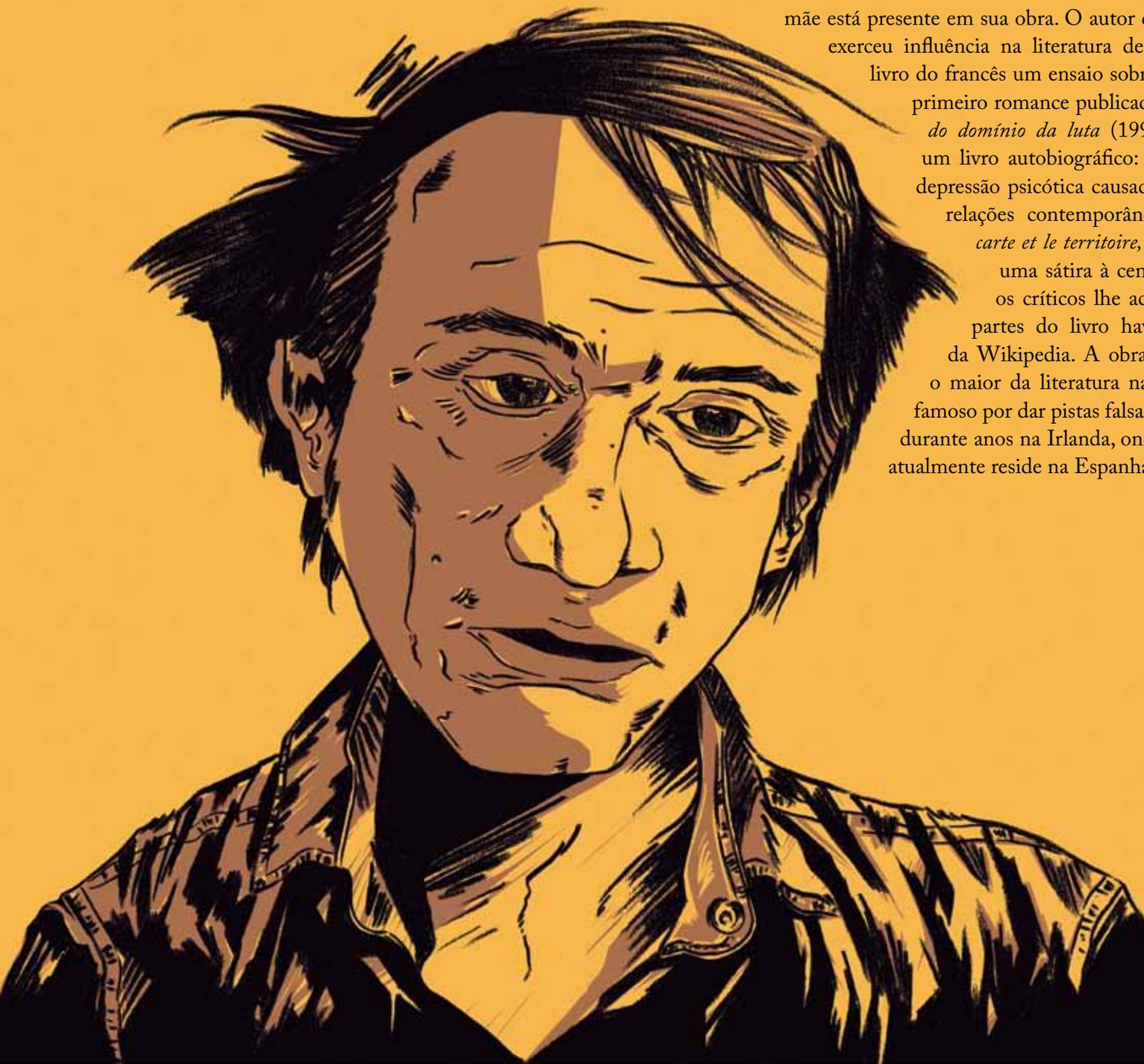
relações contemporâneas. Seu livro mais recente, *La*

carte et le territoire, lançado em setembro de 2010, é

uma sátira à cena artística francesa. Quando saiu, os críticos lhe

acusaram de plágio, afirmando que partes do livro haviam sido inteiramente retiradas

da Wikipedia. A obra lhe rendeu o prêmio Goncourt, o maior da literatura na França. Houellebecq também é famoso por dar pistas falsas de seu paradeiro. Diz ter morado durante anos na Irlanda, onde se refugiou para escrever, e que atualmente reside na Espanha.



 **Fellipe Canalli** é ilustrador, formado em design visual pela Universidade Positivo. Nasceu e mora em Curitiba (PR).